INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MIGUEL WANDERSON BRITO SILVA

A MORTE COMO CONSEQUÊNCIA DO VIVER BEM NA OBRA *ENSAIOS* DE MICHEL DE MONTAIGNE

TCC - filosofia

7427
.100
S586m

TERESINA

2021

ICESPI - BIBLIOTECA
15822 06/08/24

MIGUEL WANDERSON BRITO SILVA

A MORTE COMO CONSEQUÊNCIA DO VIVER BEM NA OBRA *ENSAIOS* DE MICHEL DE MONTAIGNE

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior.

TERESINA

2021

MIGUEL WANDERSON BRITO SILVA

A MORTE COMO CONSEQUÊNCIA DO VIVER BEM NA OBRA *ENSAIOS* DE MICHEL DE MONTAIGNE

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ___ de _____ de 2021

_____

Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior

Orientador

_____

Prof. Dr. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Primeiro Examinador

_____

Prof. Ms. Pe. Cristiano Batista de Moraes

Segundo Examinador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

SILVA, Miguel Wanderson Brito

S586m A morte como consequência do viver bem na obra *Ensaios* de Michael de Montaigne. / Miguel Wanderson Brito Silva. - 2021.

54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2021.

Orientador : Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior..

1. Morte 2. vida 3. angústia 4. Montaigne 5. Sartre I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

À minha família, na pessoa de meus pais Sidiney Carvalho Silva (in memoriam), Maria de Fátima do Nascimento Brito, minha irmã Maria Clara Brito Sousa e meus avós Francisco Chaves da Silva, Maria Júlia de Carvalho Silva (in memoriam), e Audenoura Teixeira do Nascimento por sempre me apoiarem e acreditarem em mim;

À arquidiocese de Teresina, na pessoa de Dom Jacinto Brito, meu Bispo e amigo;

À paróquia de São Miguel Arcanjo de Miguel Alves na pessoa dos padres Jailton Pinheiro e José Nery, bem como a todos os convivas da casa e secretaria paroquial pelo incentivo e amizade;

Ao meu amigo Beato Charles de Foucauld, que sempre me ensinou a esperar silenciosamente otempo de Deus e não o meu;

Ao meu querido São José, que em nenhum momento me deixou sem amparo.

Minha dedicação especial à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo e a minha querida mãe, Maria Santíssima, que estiveram sempre ao meu lado me dando forças para nãodesistir e superar todos os infortúnios da caminhada.

AGRADECIMENTOS

A todos que direto e indiretamente contribuíram para que chegássemos à conclusão deste trabalho monográfico.

Aos meus irmãos de turma que comigo condividem esta jornada intelectual.

Aos meus irmãos seminaristas da Arquidiocese de Teresina pela disponibilidade e incentivo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior pela paciência e amizade,bem como ao Prof. Dr. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho e Prof. Ms. Pe. Cristiano Batista de Moraes pelo compromisso e disponibilidade na banca examinadora.

Meu agradecimento à Casa de Filosofia Dom Edilberto Dinkelborg, na pessoa de Pe. Antônio Soares, meu reitor e amigo, bem como a todos os funcionários do Seminário na pessoa de Maria Alves, Enauba da Silva, Francisca Josélia e Paulo Rocha.

Agradeço também ao corpo de professores e funcionários do ICESPI na pessoa de Francisca Barbosa – Chiquinha (in memoriam), e da Prof. Ms. Elisângela Amaral Soares Osório pelo carinho e amizade. Minha gratidão e carinho à minha madrinha de oração do Carmelo de Teresina, Irmã Margarida Maria, que constantemente reza a Deus por mim e por minha vocação.

Minha gratidão ainda à querida professora Francisca Mendes (Tina), de quem, no início da formação, recebi os primeiros ensinamentos filosóficos no Seminário Propedêutico São João Paulo II.

Por último, meu agradecimento e oração a todos os benfeitores do Projeto Terra Sacerdotal quecontribuíram com essa etapa formativa. Deus lhes pague tamanho bem e generosidade.

"A morte faz parte da nossa condição de humanos. Nós somos uma mescla de vida e morte e ambas confundem-se em nós. Aprender a viver é aprender a morrer. Quando assumimos nossa condição mortal tendemos a estimar mais a vida que temos. A morte nos faz desejar viver mais e melhor".

Michel de Montaigne

"O que não é terrível não é sofrer nem morrer, mas morrer em vão".

Jean-Paul Sartre

"Eu penso muito em minha morte, é não penso com tristeza, no entanto, uma coisa me preocupa: que eu saiba morrer [...] a morte, nós plantamos na vida."

Dom Henrique Soares da Costa

RESUMO

A discussão sobre o fenômeno da morte está crescendo gradativamente com variadas tendências dentro da sociedade contemporânea. O filósofo francês Michel de Montaigne, em sua obra *Ensaios*, apresenta a morte como consequência do bem viver, ou seja, somente aqueles que descobriram o sentido da vida poderão entender o sentido da morte. Para nos introduzir nesse estudo, torna-se necessário compreender os fundamentos da relação entre morrer e viver bem e o link entre a postura humana de liberdade ou de angústia frente à morte. Nessa abordagem, Montaigne e Sartre se desencontram visivelmente. Para um, a morte é expressão do bem viver, para o outro, a morte leva à profunda angústia. Na sociedade atual, a interpelação da morte frente à liberdade do homem abre uma discussão sobre o complexo problema do suicídio. Dentre os mais relevantes, vale destacar: o suicídio como precipitação para a morte e fuga da realidade, e, o suicídio diante da morte enquanto consequência do bem viver. Refletir sobre a vida e a morte, sobre a liberdade e a angústia e, sobre suicídio, é uma contribuição filosófica que quer oferecer às pessoas e à sociedade atual, a possibilidade de ressignificar suas ações e valores atribuídos à vida, para que assim, vivam mais e melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Vida; Morte; Montaigne; Sartre; Liberdade; Angústia; Suicídio.

RESUME

La discussion sur le phénomène de la mort se développe progressivement avec des tendances variées au sein de la société contemporaine. Le philosophe français Michel de Montaigne, dans son ouvrage Essais, présente la mort comme une conséquence du bien vivre, c'est-à-dire que seuls ceux qui ont découvert le sens de la vie pourront comprendre le sens de la mort. Pour introduire cette étude, il est nécessaire de comprendre les fondements de la relation entre mourir et bien vivre et le lien entre la posture humaine de liberté ou d'angoisse face à la mort. Dans cette démarche, Montaigne et Sartre se rencontrent visiblement. Pour l'un, la mort est une expression de bien vivre, pour l'autre, la mort conduit à une angoisse profonde. Dans la société d'aujourd'hui, la remise en cause de la mort face à la liberté de l'homme ouvre une discussion sur le problème complexe du suicide. Parmi les plus pertinents, il convient de mentionner: le suicide comme précipitation à la mort et à la fuite de la réalité, et le suicide face à la mort comme conséquence du bien vivre. Réfléchir sur la vie et la mort, sur la liberté et l'angoisse et, sur le suicide, est une contribution philosophique qui veut offrir aux gens et à la société d'aujourd'hui la possibilité de recadrer leurs actions et valeurs attribuées à la vie, afin qu'ils puissent vivre plus et mieux.

MOTS–CLES: La vie; Mort; Montaigne; Sartre; Liberté; Angoisse; Suicide.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 MORTE E VIDA FELIZ EM MICHEL DE MONTAIGNE 13
2.1 A morte como última ação de quem soube viver bem 17
2.2 Relação: morte, angústia e liberdade 20
3 A MORTE E LIBERDADE SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE FRENTE AO PENSAMENTO DE MONTAIGNE 24
3.1 O homem livre diante da morte 28
3.2 O homem angustiado diante da morte 31
4 O SUICÍDIO SEGUNDO MONTAIGNE COMO ABORDAGEM DA MORTE NA SOCIEDADE ATUAL 35
4.1 O suicídio como precipitação da morte e fuga da realidade 38
4.2 O suicídio diante da morte, da liberdade e do viver bem 43
CONCLUSÃO 49
REFERÊNCIAS 52

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, a morte é considerada um aspecto que fascina e, ao mesmo tempo, instiga a humanidade. A morte e os supostos eventos que a sucedem são, historicamente, fonte de inspiração para doutrinas filosóficas e religiosas, bem como uma fonte de dúvidas e medos por parte de alguns. Não é de agora que a morte enquanto fenômeno é estudado, no entanto, ainda hoje, o tema da morte continua sendo um mistério para compreensão, fator esse que nos inspira para o nosso trabalho.

De Platão (428-347 a.C.) a Heidegger (1889-1976), a tradição filosófica é repleta de teorias e ensinamentos sobre a morte, sendo esse tema o estopim de muitas investigações filosóficas. Schopenhauer (1788-1860), um dos mais ilustres pensadores alemães do século XIX, chega a afirmar que "a morte é a musa da filosofia" (SHOPENHAUER, 2000, p. 100).

Sócrates, citado por Platão, definiu a filosofia como "preparação para a morte" (PLATÃO, 1980, p. 14). Sem a reflexão sobre a morte, seria muito difícil que se tivesse filosofado.

Diante disso, o presente trabalho versa sobre a compreensão da morte na perspectiva de Michel Eyquem de Montaigne[1] (1533 – 1592). Este, defende a morte como uma consequência virtuosa para quem soube viver bem a sua vida. Para Montaigne (1996), pensar na morte nos ajuda a sermos livres, e, consequentemente, felizes, por não temermos a morte.

Falar sobre morte, nos ajuda a elaborarmos a compreensão da finitude humana, ao tempo que provoca um certo desconforto, pois nos deparamos com a certeza de que um dia a vida chega ao fim. Para a redação do presente escrito, fundamentamos na obra *Ensaios* de Michel de Montaigne, em seus comentadores relevantes, em monografias, artigos, teses e demais trabalhos acadêmicos que trabalham a temática da morte.

O tema da morte não é de forma alguma uma discussão atual. Muitos filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos, psicólogos e outros estudiosos discutiram o assunto no decorrer da história. Isto porque a morte não é conteúdo somente de uma área de estudo específico, é uma questão essencialmente humana que perpassa toda a vida do homem e sua história.

A certeza humana da morte aciona uma série de mecanismos psicológicos, existenciais, especulativos, culturais e religiosos. São muitos fatores que podemos considerar

[1] Foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo.

no observar como o homem lida com a morte, como por exemplo: seus medos, suas angústias, suas defesas, e sobretudo, suas atitudes diante da morte.

Desejamos assim, gerar aos leitores de nosso trabalho, a reflexão de que a morte é um fenômeno que vale a pena se pensar e, futuramente, experimentá-lo. De igual modo, queremos proporcionar uma reflexão sobre a liberdade do homem e, refletir se essa liberdade[2] nos deixa tão livres ao ponto de tirar a nossa própria vida[3].

O contexto social, político e econômico no qual foi escrito nosso trabalho, muito contribuiu para a compreensão dos pensamentos aqui abordados. Tal contexto se trata da situação pandêmica do qual estamos passando ocasionada pelo novo Corona vírus[4]. Até o dia 21 de setembro de 2020, a ONU contabilizou 961,544 óbitos em 196 países provocadas pela doença. No Brasil, os números chegam a ultrapassar 150,000 mil mortes[5].

Podemos nos questionar: o que tantas mortes, tragicamente ceifadas, podem contribuir para essa pesquisa? A resposta é bem simples. As mortes que constantemente foram noticiadas na imprensa mundial, mesmo sem percebermos, nos fizeram repensar os valores e a importância que damos à nossa vida, bem como, à vida de tantos outros que estão ao nosso redor. Tal pensamento é exatamente a proposta de nosso trabalho: a ressignificação dos valores de nossa vida, tendo em vista uma vida bem vivida e feliz.

Assim, a concepção que se tem sobre a morte e a atitude do homem diante dela, tende a se alterar de acordo com o contexto histórico e cultural no qual o homem está inserido. Diante desse fato, percebemos que nossa sociedade necessita com urgência de uma educação acerca da morte, pois, lamentavelmente, não dispomos de meios, seja por parte das mídias ou por parte da sociedade como num todo, que nos possibilite a reflexão sobre o fenômeno da morte, fator esse que nos torna despreparados para tal reflexão.

Desse modo, vemos nesse aprofundamento proposto em nosso trabalho como uma forma de "dimensionar a morte", explicamos: queremos assim, dar dimensões determinadas e adequadas acerca do pensamento sobre a morte, contribuindo para sua melhor compreensão e elaboração, servindo como reflexão para nós enquanto filósofos, como também, será de grande valia aos profissionais da área de saúde, uma vez que estes, trabalham lado a lado, diariamente, com as experiências de morte.

---

[2] Refletimos a liberdade segundo a perspectiva de Jean-Paul Sartre, como complemento de nosso trabalho: *Cf:* RENAUD, Vinícius. O conceito de "liberdade" em o ser e o nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser. Sapere Aude, Belo Horizonte, v.4, n.8, p.294-300, 2013.

[3] O suicídio entra em nossa discussão como abordagem da morte em nosso contexto atual. *Cf:* VAZ, Lúcio. O problema do suicídio em Montaigne. Kriterion, Belo Horizonte, v.53, n.126, 2012.

[4] Vírus causador da covid-19.

[5] *Cf:* <https://www.oficinadanet.com.br/coronavirus/30272-casos-coronavirus-mundo>.

Levando em consideração a afirmação de Montaigne (1996), que defende que a reflexão sobre a morte é ao mesmo tempo uma reflexão sobre a liberdade do homem, relacionamos a morte em Montaigne com a liberdade na perspectiva de Jean-Paul Sartre. Assim, nosso trabalho é composto por três capítulos.

No primeiro capítulo, trabalhamos a concepção de morte e liberdade a partir do pensamento de Michel de Montaigne. Destacamos nesse capítulo, que a morte é uma consequência de uma vida virtuosa, ou seja, uma última ação para quem soube bem viver a sua vida. Evidenciamos, sobretudo, que o filosofar é uma preparação para a morte, e que, quando refletimos sobre o fenômeno da morte, também estamos refletindo sobre o fenômeno da liberdade.

No segundo capítulo, colhendo os frutos do capítulo anterior e fundamentados pela ideia de que "pensar na morte é pensar na liberdade", refletimos sobre essa liberdade na perspectiva de Jean-Paul Sartre. Nesse capítulo, destacamos que para Sartre, o homem é condenado a ser livre, e dessa forma, também condenado à possibilidade da escolha e, consequentemente, condenado a ser um ser angustiado. Em outras palavras, analisamos nesse capítulo à luz do pensamento de Sartre, sobre a liberdade do homem diante do fenômeno da morte.

E por fim, no terceiro capítulo, após termos refletido sobre vida, morte e liberdade em Montaigne e em Sartre, relacionamos esses mesmos temas com o fenômeno do suicídio, este, como precipitação da morte, fuga da realidade e mal uso da liberdade. Procuramos nesse capítulo, evidenciar de forma clara e concisa a negação de nosso pensador no que diz respeito ao ato suicida bem como a defesa da ideia da morte como consequência do viver bem.

Ressaltamos aqui, que nossa reflexão última que versa sobre a temática do suicídio como abordagem da morte, não tem, de forma alguma, a intenção de fazer algum tipo de apologia ou incentivo a tal prática, mas tão somente, à luz da filosofia e dos pensamentos dos autores que nos nortearão, trazer para nossa discussão esse tema que, nos dias atuais, tanto aflige nossa sociedade em suas diferentes faixas etárias, camadas sociais e culturas.

Vale destacar que o suicídio não entra em nossa pesquisa como algo sem nexo ou sem sentido, mas tão somente, como uma abordagem da morte diante da liberdade humana e do sentido da vida, uma vez que para os autores já mencionados, o pensamento na morte é uma oportunidade para ressignificar os valores que atribuímos à vida.

2. MORTE E VIDA FELIZ EM MICHEL DE MONTAIGNE

Michel Eyquem de Montaigne (1533 – 1592), foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado o inventor do gênero denominado *Ensaio*[6]. Nas suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. Ele criticou a educação livresca e mnemônica,[7] propondo um ensino voltado para a experiência e para a ação. Acreditava que a educação livresca exigiria muito tempo e esforço, o que afastaria os jovens dos assuntos mais urgentes da vida. Para ele, a educação deveria formar indivíduos aptos ao julgamento, ao discernimento moral e à vida prática.

O texto que nos norteará nesse aprofundamento proposto por nosso trabalho é a obra *Ensaios* do referido pensador. O filósofo francês consagra-se, talvez, como o primeiro autor a dedicar a sua obra totalmente ao "eu", como ele mesmo dirá ao escrever "*Lecteur, je suis moy-mesme la matiere de mon livre*" ("*Sou eu mesmo o assunto do meu livro*"). Montaigne se dedica ao gênero ensaio a partir de 1572 até ao ano de sua morte.

Para podermos compreender os temas que aqui abordaremos, faz-se necessário, de antemão, obtermos conhecimento do que significa e quais as pretensões do gênero denominado por Montaigne como "*ensaio*". Conceitua Silva (2014), que o ensaio fala de um tema, procurando ampliar a dimensão de racionalidade nele presente, incorporando elementos afetivos e volitivos dados não só como tema, mas também no modo como seu autor se coloca na abordagem dos mesmos. No ensaio, o autor se permite ao jogo dialético e expressivo entre subjetividade e objetividade no tratamento do tema proposto.

Durante a leitura da obra, pode-se observa que os temas estão escritos de forma breve, e aparentemente, quase que "incompleta", no entanto, cabe ressaltar que isso não significa uma espécie de desleixo ou até falta de atenção por parte do autor, muito pelo contrário: ao deixar as ideias "incompletas", Montaigne nos abre à complexidade do tema a ser refletido, ou seja, ele o torna inapreensível no momento da escrita. Desse modo, concluímos que o ensaio se caracteriza pela ideia de uma tentativa de interpretação que transita entre o querer explicar o tema mas não o poder fazer de modo completo:

---

[6] Onde o autor escreve sobre temas diversos e aleatórios, e até sobre acontecimentos pessoais. O vocábulo: *Ensaio*, também se refere à única obra escrita por Montaigne.

[7] Conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar no processo de memorização.

> [...] o ensaio evoca liberdade de espírito [...], a qual não estamos familiarizados por conta dos aprisionamentos cotidianos, seja na esfera da ignorância que nos engessa pela carência do que dizer seja na esfera do cientificismo nos retendo em uma pseudoautonomia. (ADORNO, 1994, p. 168).

Tendo agora embasamento sobre a filosofia ensaística, podemos assim passar para nossa reflexão sobre a *morte e vida feliz.* De início, Montaigne (1996, p.41), citando Sólon[8], reflete que ninguém se pode dizer feliz antes de morrer, ou seja, se alguém ao morrer segundo seus desejos, no entanto, deixando má reputação, ou até mesmo seus familiares e a posteridade na miséria, este, segundo essa perspectiva de Sólon, se qualifica como feliz.

Conclui a autor, que Sólon seria melhor compreendido se houvesse afirmado que o homem nunca é feliz, no entanto, só o será quando não estiver mais em vida. "Felizes aqueles para quem ver o que serão quando não forem mais é um prazer, e que vivem de sua própria morte." (MONTAIGNE, 1996, p. 44).

Ao nos referirmos à morte e ao viver feliz, nos é imposto a compreensão de duas ideias principais: a primeira é a compreensão da morte na visão montagniana, ou seja, a visão da morte como uma virtude de quem é sábio; a segunda se auto relaciona com a primeira: a compreensão da vida feliz parte primeiramente da compreensão da morte, desse modo, viverá feliz aquele que compreende e sabe conviver com o fenômeno da morte. Comenta Silva (2014), que a identidade da vida se dá no oposto, isto é, na morte, esta, lhe complementa o sentido e a partir daí, a sua totalidade.

Desse modo, negar a morte como elemento intrínseco do que é vivo, é negar a própria substância da vida. Assim, Montaigne vai desdenhando a sua própria ideia de finitude da vida, e incita aos seus leitores sobre a necessidade de vivê-la agora, justamente por não ser eterna. Podemos dizer sem medo de estarmos equivocados, que Montaigne via na morte a figura de uma companheira, companheira esta que estava ao seu lado em todos os momentos de sua existência.

No entanto, o pensar na morte surgiu em Montaigne a partir de Marco Túlio Cícero[9] que ao apresentar o filosofar como uma preparação para a morte, abriu-se em Montaigne as janelas para essa reflexão.

---

[8] (638 a. C. – 558 a. C.) foi um estadista, legislador e poeta grego antigo. Foi considerado pelos gregos como um dos sete sábios da Grécia antiga e, como poeta, compôs elegias morais-filosóficas.

[9] (106 a. C. – 43 a. C.) foi um advogado, político, escritor, orador e filósofo da *gens* Túlia da República Romana eleito cônsul em 63 a. C.

> Diz Cícero que o filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-se do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela. Ou então é porque de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer. (MONTAIGNE, 1996, p. 92).

Falar sobre a morte, nos ajuda a elaborar a compreensão da finitude humana, ao tempo que provoca um certo desconforto, pois nos deparamos com essa mesma finitude, quer dizer, nos deparamos com a certeza de que um dia a vida chega ao fim. Desse modo, ao colocar a compreensão da morte como pressuposto de uma vida feliz, Montaigne orientado pela intuição de que o reconhecimento da presença da morte nos ensina a viver, exorta seus leitores a esse mesmo ensinamento: de que a vida é finita. E é diante disso, tendo essa compreensão, que o autor defende que poderemos viver melhor compreendendo a morte, pois daremos mais sentido à nossa existência.

Pensar na morte nos humaniza, pois, tendo a consciência de nossa finitude, poderemos assim aproveitar com mais intensidade os momentos presentes a partir de valores capazes de ressignificar o existir humano para além do efêmero. Em seus *Ensaios*, Michel de Montaigne nos leva a reflexão de que a morte faz parte do curso natural de nossa vida, não podemos pensar no viver sem lembrarmo-nos do morrer.

É importante destacar que a concepção que se tem sobre a morte e a atitude do homem diante dela, tende a se alterar de acordo com o contexto histórico e cultural no qual o homem está inserido. Nesse contexto, a sociedade em que vivemos não dispõe de meios e incentivos à reflexão sobre a morte, fator esse, que pode transformar a sociedade em que vivemos num grupo repleto de indivíduos infelizes pelo simples fato de não saberemos o sentido da morte, e sobretudo, o sentido da vida, pois, como aqui defendemos, a reflexão sobre a morte nos ajuda a ressignificar os valores e demais atributos à vida.

Vivemos numa sociedade onde a morte se encontra banalizada, onde os noticiários se preocupam mais em noticiar as mortes do que em alertar a sociedade sobre a importância do viver. Não podemos definir a morte como sendo a pior das coisas existentes, pois enquanto para algumas pessoas ela causa medo e desconforto apenas citando seu nome, em outras pessoas, o pensamento na morte lhes traz conforto e lhes fazem expectar ternamente por sua chegada:

> Ora, essa morte que alguns consideram "a mais horrível entre as coisas horríveis", outros julgam "o único refúgio contra os tormentos da vida" – o maior benefício que nos deu a natureza – a única garantia de nossa liberdade

> – o único amparo imediato e comum a todos contra os males. (MONTAIGNE, 1996, p.67).

A intenção de Montaigne é de que seus leitores, assim como ele, compreendam o sentido da morte, aprendam a não temê-la, e sobretudo, propõe aos seus leitores que aprendendo a conviver com a morte, colheremos como frutos dessa convivência, o melhor aproveitamento dos momentos felizes da vida.

> Um dos principais benefícios da virtude está no desprezo que nos inspira pela morte, o que nos permite viver em doce quietude e faz com que se desenrole agradavelmente e sem preocupações a nossa existência. E sem esses sentimentos, toda volúpia é sem encanto. (MONTAIGNE, 1996, p. 93).

Ao contrário daqueles que esquivam o seu pensamento sobre a morte, pensar na morte nos afasta do terrível sentimento que ela apresenta: o inesperado, o desconhecido, o medo, o susto. Montaigne (1996), descreve de forma bem inusitada que deseja se encontrar com a morte plantando suas couves, mas despreocupado dela (morte), e mais ainda de seu jardim imperfeito (sua vida). Com isso, Montaigne nos apresenta uma íntima relação entre vida e morte, estas, que nunca se podem pensar separadamente.

> A morte não é um assunto que o filósofo deva tratar de passagem, ou com o qual não deva perder tempo, ao contrário, é uma das questões filosóficas mais importantes. Despertando toda uma série de questionamentos, suscitando a reflexão filosófica, ela é, para alguns, a própria origem do ato filosófico, o qual consiste, em parte, em desvendar, o que impede o ser humano de se conhecer como é na realidade, ou seja – como observou Heidegger – um ser-para-a-morte e leva-lo a viver na autenticidade. O confronto com a morte resulta numa meditação sobre a vida e a natureza humana. (SCHUMACHER, 2009, p. 261).

Em suma, o que anseia Montaigne, é que ao olharmos para o fenômeno da morte, não a julgássemos como um fenômeno negativo, algo que cause medo, horror, espanto; mas pelo contrário, quer o autor, que olhemos para a morte e vejamos a concretização da nossa existência, o último dia de nosso ciclo vital, aquele dia feliz que merece ser vivido com serenidade e mansidão. Do contrário, "[...] se a recearmos, temos nela um motivo permanente de tormentos e andaremos como em país inimigo a deitar os olhos para todos os lados: ela é sempre uma ameaça, como o rochedo de tântalo". (MONTAIGNE, 1996, p. 94).

Portanto, se queremos ter uma vida feliz, o passo primeiro é nos abrirmos à reflexão sobre a morte. Segundo Montaigne (1996), felizes são aqueles que não temem diante da

morte, sábios são aqueles que vêem na morte a consequência de quem soube bem viver. Eis aqui, o "segredo da felicidade". Assim, falar sobre a morte nos ensina a viver. Conclui Montaigne: "Se fosse escritor, anotaria as mortes que mais me impressionaram e as comentaria, pois quem ensinasse os homens a morrer os ensinaria a viver." (MONTAIGNE, 1996, p. 99-100).

2.1 A morte como última ação de quem soube viver bem

Enquanto a maioria dos filósofos de sua época queriam resolver as questões mais complexas do universo, Montaigne se continha em tentar entender a única coisa que ao seu ver era realmente importante: ele mesmo. No decurso dos seus *Ensaios*, notamos a diversidade de temas que o autor se propõe a refletir, temas esses que vão desde a "*Maneira de agir de alguns embaixadores*" até "*De como filosofar é aprender a morrer*". Esse último, nos inspira em nossa reflexão.

A morte é o limite? Podemos pensá-la e mensurá-la? A morte não seria inconcebível? Seria possível falar da morte em vida? Essas são algumas das indagações que estão presentes na mente de muitas pessoas, por esse simples fato, gera-se muitas vezes angústia ao tentar respondê-las. A esse respeito, Montaigne em todo o percurso de seus escritos tem a ideia da morte como fio condutor de suas reflexões.

A morte para Montaigne é uma amiga da sua existência, para o autor, é impensável pensar na vida sem pensar na morte. A esse respeito, Moraes (2019), comenta que o não pensar na morte é o mesmo que sufocar a esperança, ao tempo que promove o medo[10] e, consequentemente, a náusea existencial:

> No Ocidente, a maior parte de nossos contemporâneos recusa a ideia da morte, e por uma forte razão, a ideia de que se possa viver com ela e abordá-la de forma consciente e tranquila no dia de sua chegada. Acordar de manhã lembrando-nos de que todo mundo é mortal, como se faz em certos mosteiros, parece ser uma prática de outra época. Da mesma forma, parece algo exótico a sabedoria dos budistas, que aceitam a morte como parte integrante da vida. O mesmo se pode dizer da sabedoria dos índios da América que transportam a morte sobre o ombro esquerdo, à semelhança de uma ave invisível, cônscios de estarem apenas de passagem nesta vida. Segundo a opinião de todos, essas "sabedorias" não só ajudam a viver, mas atribuem à vida seu peso de sentido e seu valor. (MORAES, 2019, p. 31).

[10] O medo que aqui nos referimos e que perdurará em toda a extensão de nosso trabalho, é o medo segundo a Tanatofobia ou Necrofobia, que é o medo excessivo da morte.

Segundo Carvalho (2019), a concepção tradicional e a concepção moderna da morte assumem uma nova significação na contemporaneidade, trazendo sérias implicações éticas na constatação da morte e no ato de morrer. Desse modo, continua Carvalho (2019), que o ato de morrer, que no passado se caracterizava pela simples cessação das atividades vitais do indivíduo, na modernidade, com o avanço da biomedicina e das tecnologias, a morte torna-se um problema ético, além de filosófico. Diante disso, chegamos a cúmulo do ocultamento da morte:

> A morte, na contemporaneidade, torna-se oculta à família, aos amigos e, até mesmo, ao próprio moribundo, que, as vezes, não lhe é dado a conhecer a gravidade da sua doença e termina por morrer sem saber o que estava por acontecer ao seu respeito. Por isso, a morte, hoje, dá-se no isolamento dos hospitais e como um ato inconsciente por parte do moribundo, que não chega à consciência de tal ato e, por conseguinte, não se prepara para tal evento que é o ato de morrer. (CARVALHO, 2019, p. 210).

Nesse aspecto, Montaigne ao falar da morte, evidencia sua familiaridade com o tema. Na cultura oriental, a morte é tida como uma celebração, os orientais não têm a mesma visão da morte que os ocidentais. A morte, tanto para chineses, japoneses, tibetanos e indianos, influenciados pela cultura budista, é ocasião de júbilo. O budista chora quando nasce uma criança e ri quando se vai um morto. Acreditam que a morte é um renascimento. Em vez de preto, usam branco para celebrar o luto. Notamos aqui, que o pensamento montagniano bebe um pouco dessa fonte, pois, para Montaigne, quem soube aproveitar a vida, saberá ver na morte uma última ação do viver.

Assim, nosso autor insiste nessa reflexão, pois, somente tendo a morte como algo constante em nossas vidas, poderemos sim, dizer que somos felizes. Por outro lado, na cultura ocidental, a morte se encontra banalizada, é um tabu tocar no assunto. Desse modo, nossa sociedade não coloca em prática o exercício de falar da morte, com isso, criamos uma sociedade despreparada para lidar com a morte, e imediatamente, despreparada para lidar com o luto.

> A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. [...] As pessoas se apavoram simplesmente com lhe ouvir o nome: morte. E persignam-se como se ouvissem falar no diabo. (MONTAIGNE, 1996, p. 94).

Por conseguinte, podemos evidenciar os benefícios de se pensar na morte, ou seja, os momentos felizes que dispomos serão muito mais valorizados se tivermos consciência de que

IGESPE - BIBLIOTECA
15822 06/08/24

esses dias não são permanentes, assim como a nossa existência. Comenta Montaigne (1996), que um dos principais benefícios da virtude está no desprezo que nos inspira pela morte, por conseguinte, nos permitirá viver em doce quietude os dias que ainda nos restam.

O autor dos *Ensaios* ao colocar a morte como uma última ação de quem soube bem viver, quer deixar claro aos seus leitores que a morte faz parte do nosso ciclo vital, melhor dizendo, temendo-a ou não, ela chegará do mesmo jeito.

Porém, temendo a chegada da morte, tendo em vista que não sabemos nem o dia e nem a hora, com certeza viveremos infelizes, pois em todos os momentos, bons ou ruins, temeremos sua chegada repentina, ou seja, não poderemos usufruir de nossa existência de um modo livre e despreocupado.

Por lado, tendo consciência de que a morte irá nos alcançar, e estando preparados para sua chegada, os momentos bons ou ruins serão vividos com intensidade, saberemos aproveitar nossa existência de modo livre e despreocupado da morte. "Por mais que seja traumático, morrer é uma necessidade imperativa da condição humana" (MORAES, 2019, p. 41).

É bem verdade, que nossa sociedade atual, invés de se abrir à reflexão sobre o fenômeno da morte, tenta, de forma ingênua, retardá-la. Comenta Moraes (2019), que a doença e a morte já não são fatalidades, o ser humano está a cada dia mais preparado para vencer as enfermidades e tentar retardar a morte. O pensar na morte nos traz grandes ensinamentos, somente o pensar em nossa finitude nos possibilita um recriar-se, um reconhecer-se e sobretudo, dar significado a nossa vida, deixando de lado as concepções triviais.

Por último, a morte, como fenômeno de alto grau de complexidade, exige de nós, uma compreensão interdisciplinar, melhor dizendo, para uma melhor compreensão desse fenômeno, devemos trilhar caminhos de conhecimentos que nos são oferecidos: seja no campo da religião, das ciências naturais, da filosofia e assim por diante.

> A morte é verdadeiro fim-meta da vida. Por isso, já há anos, estabeleci uma amizade tão profunda com esse verdadeiro e excelente amigo que sua imagem não possui para mim nada que me possa amedrontar. Antes pelo contrário: ela é reconfortante e consoladora. (BOFF, 2012, p. 53).

Em suma, tenhamos nós, a partir das reflexões supracitadas, a certeza de que a morte será uma última ação nossa, uma vez que durante a nossa existência, pudemos refleti-la em todos os seus âmbitos. Filosoficamente, pensar na morte é o mesmo que se pensar no sentido

da vida, ou seja, a morte se condiciona ao sentido da vida. Por fim, a morte apresenta as seguintes características que nos norteiam em nosso percurso reflexivo:

> *Individualidade:* cada homem assume por si a própria experiência de morte; *universalidade*: atinge crianças, jovens, idosos, pobres, ricos, negros, brancos; *inelutabilidade:* ela sempre vence no final das contas; *iminência*: é potência que ameaça constantemente; *inexorabilidade*: inflexível e implacável; *temível:* suscita horror, aversão e angústia; *consciente*: o indivíduo sabe que vai morrer, por isso se prepara; *singular*: assim como se vive, morre-se somente uma vez. (MONDIN, 1980, p. 315).

Diante do exposto, somente a certeza da morte, o pensamento na morte e a constância de tais reflexões, nos possibilitam um vida melhor, feliz e, sobretudo, sem medo e receio da morte.

2.2 Relação: morte, angústia e liberdade

Como já refletimos, o simples fato de não nos perguntarmos sobre o fenômeno da morte nos traz um enorme sentimento de angústia, pois nos deparamos com a certeza de nossa mortalidade. Desse modo, a ideia da reflexão constante do fenômeno da morte nos livra dessa angústia, ao tempo que nos permite viver bem.

César (2011), reflete que muitas pessoas evitam falar sobre a morte porque gera angústia, no entanto, esse não é o caminho, pois a morte, como já refletimos, é inevitável, então falando ou não falando da morte, todos morreremos. Assim, devemos parar para pensar sobre o nosso morrer, desse modo, aos poucos se quebrará este nosso medo da morte.

Com isso, podemos evidenciar que devemos nos esforça para termos uma vida autêntica, para que quando a morte se achegar até nós, não a vejamos como a pior das coisas ou o absurdo dos absurdos, e assim, não viveremos na angústia, mas sim, numa plena aceitação de que somos livres:

> O ser é livre apenas em sua existência, mas a morte é a negação dessa existência e a devolução (involuntária) do ser ao nada. Assim, a morte retira da existência toda a sua significação. Todavia, é necessário que o ser humano construa uma existência que tenha significado, edifique uma vida que valha a pena ser vivida, do contrário, a morte será ainda mais absurda. (OLIVEIRA, 2009, p. 58).

Aqui percebemos que podemos de forma fácil e sutil nos livrar da angústia existencial com a simples reflexão de nossa morte. De igual modo, o pensar em nossa morte, além de nos

livrar da angústia citada, nos torna livres. Para Montaigne, pensar na morte nos prepara para sua chegada sem constrangimento e sem angústia. Ainda que não saibamos nem o dia e nem a hora, pensar na morte é uma ação de suprema liberdade, pois, segundo Montaigne (1996) meditar sobre a morte é meditar também sobre a liberdade:

> Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade, quem aprendeu a morrer, desaprendeu de se servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento. (MONTAIGNE, 1996, p. 97).

Assim, refletir sobre a morte é libertador, de igual modo, a morte em si também é libertadora, uma vez que nos liberta dos nossos males. A morte é uma verdade em nossa vida, no entanto, como já aprendemos, a reflexão sobre a morte, torna-se a reflexão acerca do sentido de nossas vidas, desse modo, ao buscarmos a verdade desses temas, damos confirmação à nossa liberdade.

Reflete Carvalho (2019), que o homem busca incansavelmente a verdade, no entanto, a maior verdade é o seu próprio existir, logo, a morte como componente primordial do existir, é também uma verdade que deve ser respeitada como tal em sua dignidade.

Aqui, observamos um belo encadeamento entre morte-angústia-liberdade; se observamos bem, diante do que foi explanado até aqui, poderemos evidenciar que o não pensar na morte pode nos trazer uma série de sentimentos ruins, como por exemplo: o medo[11]. Este, é um sentimento inerente ao processo de desenvolvimento humano, trata-se de um medo do desconhecido, somado ao medo da própria extinção, da ruptura dos laços afetivos e sobretudo, da solidão e do sofrimento. Nesse sentido, o medo como parte integrante da angústia, nos torna infelizes diante da nossa existência.

No entanto, para nos livrarmos desse medo, e consequentemente da angústia, o livre pensamento na morte é o caminho mais sensato, e porque não, o mais fácil. Ou seja, para viver bem, sem o terror, sem o medo e sem o tormento por conta da ideia do fim, é preciso cultivar um certo desapego à vida, em outras palavras, faz-se necessário a compreensão de que como quase tudo neste mundo não é permanente, nós também não o somos.

Nós não podemos mudar o fato de que somos seres mortais e que um dia nossa existência se findará, porém, podemos mudar o modo como nos relacionamos com esse fato. Dentro do cristianismo, mais precisamente no catolicismo, a ordem dos Paulianos[12], traz uma tradição muito oportuna para nossa reflexão. Os monges ao se cumprimentarem dizem uns

---

[11] Idem.

[12] Eremitas de Santo Paulo da França; também conhecidos como "Irmãos da Morte".

aos outros: *"memento mori*[13]*"*, lembrando aos seus confrades da necessidade de se pensar em nossa finitude, e consequentemente, em nossa morte.

Essa saudação é oportunamente o oposto do famoso *"carpe diem"*[14] muito usado e divulgado na atualidade; esse exercício é oportunamente benéfico, pois auxilia numa aceitação gradual e diária da morte, vendo-a como uma consequência da própria existência e também, contribui para uma melhor preparação para o momento em que a morte chegará.

Podemos então afirmar, sem medo de estar equivocados, que falar da morte é transformá-la em aliada, em conselheira, em uma presença constante e sobretudo, natural. Na filosofia oriental, é oferecido alguns exercícios para se pensar na morte, a meditação se destaca dentre esses exercícios. A partir da prática da meditação, o indivíduo domará sua mente, sua ansiedade e suas emoções negativas, o deixando mais preparado para a chegada da morte.

Tendo em vista o momento atual em que estamos vivendo, faz-se necessário uma importante reflexão, esta, "grita" aos nossos ouvidos, e por vezes, tentamos desviar-nos dela. Em nosso trabalho, estamos refletindo sobre a concepção de morte, na esperança de passarmos aos nossos leitores a ideia de que se pensando em nossa finitude, poderemos dar mais valor e significado para nossa existência, ou seja, falando da morte, estamos incitando os nossos leitores à valorização da vida como tal, sobretudo, respeitando a sua dignidade.

Em pleno século XXI, mais precisamente no primeiro semestre do ano civil de 2020, estamos passando por um momento de pandemia ocasionado pelo novo corona vírus, cientificamente intitulado: *"Covid-19"*. Biologicamente, o vírus citado ascendeu de uma forma natural, porém, nos chama a atenção o fato de que diante da proliferação do citado vírus e diante das inúmeras mortes confirmadas em decorrência da contaminação do mesmo, o fenômeno da morte, que aqui estamos discutindo, vem se tornando, lamentavelmente, apenas números de estatísticas.

No Piauí, onde residimos, os números de mortos chegam a 2.217 pessoas[15]. No Brasil, até o momento da presente escrita, as mortes ultrapassam o número de 150,555 mil pessoas[16]. Diante disso, observamos a banalização da morte, onde os números de mortes citados, na

---

[13] Expressão latina que significa algo como: "lembre-se de que você é mortal", "lembre-se de que você vai morrer", ou traduzindo literalmente como "lembre-se da morte".

[14] Expressão latina que significa: "aproveitar o dia". Essa é a tradução literal, e não significa aproveitar um dia específico, mas tem o sentido de aproveitar ao máximo o agora, apreciar o presente. O termo foi cunhado pelo poeta romano Horácio (65 a. C. – 8 a. C.).

[15] Dados do Portal G1 (portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob a orientação da Central Globo de Jornalismo).

[16] Idem.

concepção de muitos, não passam apenas de números e não de vidas humanas que foram ceifadas, por muitas vezes, por imprudência.

Lamentavelmente, os representantes da nação estão mais preocupados com assuntos fúteis, deixando a valorização da vida num último plano. Lamentamos o tempo que estamos vivendo, no entanto, esse tempo nos propicia uma excelente oportunidade para refletirmos sobre a morte, e sobretudo, sobre a vida e sua dignidade.

Destacamos novamente, que o objetivo de nosso trabalho é gerar em nossos leitores uma feliz reflexão sobre a morte, e de igual modo uma feliz reflexão sobre a vida, dando a esta significado e total respeito a sua dignidade.

Diante desse momento atual de banalização da morte, somos exortados, não somente enquanto filósofos, mas enquanto viventes, a formularmos, seja para um bem pessoal ou para o bem acadêmico, ideias, pensamentos e reflexões sobre o fenômeno da morte. Nesse tempo, perguntas como: O que é a morte? Como conviver com a morte? Como tratar a morte? Como se entender a morte? São de certa forma, "fáceis", desafiadoras e necessárias para nossa compreensão.

Por fim, concluindo esse capítulo de nossa pesquisa, destacamos que o pensamento na morte nos possibilita uma melhor elaboração de nossa existência, que por sua vez, nos possibilitará viver bem. Ressaltamos que a morte, pensada como irmã de nossa existência, nos afasta dos sentimentos negativos que podem antecedê-la por conta da nossa ignorância em relação à morte. Confirmamos, por fim, que somos livres para essa reflexão, o pensar na morte, além de nos proporcionar uma vida melhor, nos torna aptos a usufruirmos de nossa liberdade e a vivermos bem.

Em suma, levando em consideração o tópico último de nossa reflexão, ressaltamos que não temos capacidade intelectual ou qualquer que seja a faculdade dos nossos sentidos para julgar a dignidade da vida, de igual modo, a dignidade da morte. Cabe a nós, cidadãos de senso crítico, auxiliar os ignorantes no que diz respeito à reflexão sobre a morte, e principalmente, à significação dos valores da vida.

3 A MORTE E LIBERDADE SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE FRENTE AO PENSAMENTO DE MONTAIGNE

Atualmente, são inúmeros os estudos direcionados à reflexão sobre a morte, estes podem ser observados no campo da biologia, da psicologia, da sociologia, da antropologia, da medicina e da filosofia. No campo da filosofia, as perspectivas, no que dizem respeito ao fenômeno da morte, acabam se tornando muito divergentes e sofrem muitas alterações por parte dos pensadores e das épocas na qual essas foram formuladas.

Esses estudos tem por objetivo compreender as diferentes faces que são atribuídas à morte por diferentes comunidades, raças e culturas. Desse modo, a morte se torna um fenômeno social, humano, cultural e natural.

No capítulo anterior, observamos que para Montaigne, o pensar na morte nos prepara para sua chegada sem constrangimento e sem angústia. Ainda que o dia de nossa morte seja desconhecido por nós, pensar nela é uma ação de suprema liberdade, pois, uma vez que, segundo Montaigne (1996), meditar sobre a morte é meditar também sobre a liberdade.

Diante disso, passamos a refletir o fenômeno da morte a partir da perspectiva do pensador francês Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980). Sartre foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era um artista militante, e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra.[17]

Para que cheguemos à compreensão da liberdade do homem diante da morte, é de suma importância que compreendamos por primeiro a ideia de Sartre acerca da liberdade[18], para após isso, relacionarmos a liberdade nessa perspectiva com o fenômeno da morte que refletimos anteriormente com Michel de Montaigne.

Diferente do que afirma Montaigne, argumenta Sartre (1943), que a liberdade apesar de ser uma condição fundamental da existência do homem, também o condena a ser um ser angustiado. Essa liberdade é condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação que o homem se forma.

---

[17] Como base para nossa reflexão, nos basearemos na obra *O ser e o nada* no referido autor, na tradução de Paulo perdigão, publicado em 1998.

[18] Para Sartre, a liberdade é uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode esquivar-se. Ou seja, o homem é livre, e é a partir dessa liberdade que o homem se forma.

Silva (2013), reflete que Sartre expõe que, se o homem é livre para agir e não existem valores genéricos que sirvam de guia para sua vida, compete ao próprio homem, em suas ações concretas, construir os valores que orientem suas escolhas:

> Com efeito, sou um existente que aprendeu sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser. (SARTRE, 1998, p. 542-543).

A morte, pode ter sido, talvez, a primeira grande descoberta do homem, uma vez que este, se dá conta de sua finitude, isto significa que o homem percebe que sua vida, por mais singular que seja, num determinado momento chega ao fim. Diante disso, o tema da morte se torna um elo entre os pré-socráticos e os pensadores contemporâneos no que diz respeito ao pensamento racional.

Com o passar do tempo, inúmeras reflexões sobre a morte foram aparecendo e muitos outros filósofos se dedicaram a esse assunto, alguns chegam a atestar uma íntima relação da filosofia com a morte. José Ferrater Mora, autor do *"Dicionário de Filosofia"*, traz em sua obra uma clara definição do verbete: "morte":

> Platão afirmou que a filosofia é uma meditação sobre a morte. Toda vida filosófica, escreveu mais tarde Cícero, é um *commentatio mortis*. Vinte séculos depois, Santayana afirmou 'uma boa maneira de provar o valor da filosofia consiste em perguntar o que ela pensa acerca da morte'. De acordo com essas opiniões, uma história das formas da 'meditação sobre a morte' poderia coincidir com uma história da filosofia. (FERRATER MORA, 2001, p. 2016).

A partir dessa contribuição de Ferrater, podemos dividir a relação da morte com a filosofia em dois momentos: o primeiro, é que a filosofia seria primeiramente uma reflexão acerca da morte e de seus atributos; o segundo, é que o ponto de partida de qualquer sistema filosófico, parte do problema da morte.

Segundo Cunha (2010), a morte, no que diz respeito a sua relação com a existência humana, pode ser entendida de três formas: a) como início de um ciclo de vida: onde o modo de entender a morte se baseia na existência da reencarnação ou da vida incorpórea (aqui muitas religiões e seitas se apoiam nessa compreensão de morte); b) como fim de um ciclo de vida: destaca-se a visão popular da morte (como um alívio para os sofrimentos vividos durante a vida); c) como possibilidade existencial: onde a morte é entendida não como um

acontecimento particular, isto é, um início ou fim de um ciclo de vida do homem, mas como uma possibilidade que está sempre presente e que pode nos surpreender a qualquer momento.

Assim como em Montaigne, alguns outros pensadores da filosofia moderna passam a refletir uma chamada *"filosofia da vida"*[19], onde a morte é vista como uma oportunidade para entender a própria existência, ou seja, a limitação de nossa existência pela morte, é decisiva para a compreensão, avaliação e ressignificação da nossa vida.

Para aqueles que nunca refletiram sobre o fenômeno da morte, ao pensá-la, na maioria das vezes, esse pensamento pode vir acompanhado de uma espécie de medo ou angústia, isso é normal.

No entanto, Cunha (2010), comenta que é insensato quem diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, assim dizendo, pelo fato de que não sentirmos a morte; mas, porque o aflija no ato de pensá-la ou prevê-la. Desse modo, o que não nos perturba quando está presente, inutilmente nos perturbará enquanto tivermos consciência dela e a esperarmos.

Desse modo, o pensador antigo Epicuro[20] (341 a. C. -- 271 a. C.), reflete que temer a nossa própria não-existência futura, é algo tão irracional como lamentar a não existência que desfrutamos antes do nosso nascimento.

> Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO *apud* VIANA, 2010, p. 30).

Assim, de acordo com o que foi refletido até aqui, chegamos a uma primeira relação com o pensamento acerca da morte refletido por Michel de Montaigne: a ideia de que sábio é aquele que vive o presente e não teme a morte. Pensamento esse, defendido tanto por Montaigne como por Sartre.

Desse modo, para Sartre, há um grande problema no homem moderno: o não pensar na morte. Esse não pensamento na morte, traz consigo a falta de sentido da vida, e consequentemente, um vazio de sua interioridade.

---

[19] Filosofia de vida é a expressão que serve para descrever um conjunto de ideias ou atitudes que fazem parte da vida de um indivíduo ou grupo. A filosofia de vida também pode ser definida por uma conduta que rege a forma de viver de uma pessoa. Muitas vezes essas normas são marcadas por uma religião, como por exemplo: filosofia de vida budista, filosofia de vida cristã, etc.

[20] Foi um filósofo da Grécia Antiga e fundador do "Epicurismo" – sistema filosófico que proclama o prazer obtido mediante a prática da virtude como o único bem superior do homem.

Se observarmos bem, perceberemos que no final do século XIX e início do século XX, surgiram inúmeras tentativas de esclarecer o fenômeno da morte. No entanto, é fato que em algumas circunstâncias, essas tentativas de desvendá-la ou entendê-la, vão na realidade, tornando-a mais enigmática do que antes, aprofundando mais ainda a sua negação e o sentimento de medo, e tornando o tema da morte cada vez mais desafiador para as reflexões futuras.

É bem verdade que o encontro entre a filosofia e a morte, é tão antigo quanto a existência de ambas. No entanto, as perguntas acerca da finitude de nossa existência, move tanto as ciências, as religiões e principalmente a filosofia no que diz respeito à busca de respostas para esse fenômeno inevitável à condição humana.

Desse modo, podemos atribuir como tarefa da filosofia o dever de tornar feliz a vida do homem sábio, ou seja, ela deve livrar o homem de todos os tormentos e males que possam atormentar a sua vida, o maior deles, e o mais inquietante, é o não pensamento na morte.

Para Sartre, a morte é um acontecimento da vida humana, acontecimento esse sem sentido, ou seja, uma negação, o nadificar[21], o nada absurdo e absoluto, um evento sem Deus, sem punições eternas e sem julgamentos e recompensas. Comenta Pessoa (2019), que a morte não é um ser para o homem, mas o homem é um ser para a morte, uma vez que ela é o fato último da vida, ou seja, é ela o fato que permanece entre e além dos séculos como um segredo desta vida.

Cabe ressaltar, que em Sartre, a morte é pensada como uma porta aberta ao nada, como um acontecimento sem sentido da própria realidade humana:

> Desse modo, espera-se recuperar a morte metamorfoseando-a em "morte esperada". Se, com efeito, o sentido de nossa vida converte-se em expectativa de morte, esta, ao sobrevir, nada mais pode senão colocar sua marca sobre a vida. Infelizmente, são conselhos mais fáceis de dar do que seguir, não por causa de sua fragilidade natural da realidade humana ou de um projeto originário de inautenticidade, mas sim por causa da própria morte. Com efeito, pode-se esperar a morte em particular, mas não a morte. (SARTRE, 1999, p. 654).

Por isso, comenta Alves (2019), que ao considerarmos a morte enquanto espera, constatar-se-á que a morte é "nadificação de todas as minhas possibilidades, nadificação essa que já não mais faz parte de minhas possibilidades" (SARTRE, 1999, p. 658).

---

[21] É o processo pelo qual a consciência, exercendo o modo de ser que lhe é próprio, torna para si o que é em si e o anula. A nadificação é um termo necessário para compreender o pensamento sartriano, mas ao contrário do que a primeira impressão sugere, este conceito não é simples abstração desconectada do real; a nadificação, de outro modo, funciona como instrumento dialético para compreensão da relação entre a consciência e os objetos, e como tal é sempre indicação de uma conduta humana que só existe no mundo.

> A morte como fim da vida interioriza-se e humaniza-se; o homem já nada mais pode encontrar senão o humano; já não há mais outro lado da vida, e a morte é um fenômeno humano, fenômeno último da vida, mas ainda vida. (SARTRE, 1999, p. 652).

Em suma, como observamos, a relação da filosofia com a morte é bem antiga, no entanto, nos últimos anos, muitas reflexões acerca da morte foram levantadas, estas, em diferentes campos de pesquisa. A morte em si, faz parte da história da filosofia, ou seja, "[...] uma história das formas de 'meditação sobre a morte' que poderia coincidir com uma história da filosofia." (FERRATER MORA, 2001, p. 485)

Por fim, de acordo com Pessoa (2019), o problema da morte, assumido como um problema filosófico, implica tanto o conhecer seu significado como evidenciar sua importância no que diz respeito ao desenvolvimento do saber filosófico. Desse modo, é natural que surjam divergências entre os filósofos, uma vez que não se pode negar que a morte enquanto questão filosófica coloca em pauta o sentido da vida.

3.1 O homem livre diante da morte

Como pudemos observar no decurso de nossa reflexão, o ser livre, para Sartre, é um ser que se encontra num estado de condenação eterna no que diz respeito à liberdade, ou seja, o homem está condenado a ser livre, e é a partir dessa condenação que o homem tende a se formar.

Diante desse fato, em decorrência de sua liberdade, o ser humano é impelido a se inventar, pois, suas escolhas construirão a sua essência. O fato do homem ser livre, traz consigo o caráter de responsabilidade de escolha ao homem. A ação de escolher, para Sartre, traz ao homem o sentimento de angústia. O homem angustia-se diante da responsabilidade de escolha porque a ação de escolher é ao mesmo tempo uma afirmação do valor daquilo que se escolhe, ou seja, se eu escolho *A* invés de *B*, pressupõe-se que *A* seja melhor que *B*, e isso, traz junto consigo o peso da responsabilidade.

> É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (SARTRE, 1998, p. 72).

O homem é livre em seu próprio ser. Ele age intencionalmente, premeditando a ação porque é livre, utilizando-se da razão, que o diferencia dos demais animais. Somente a liberdade permite ao homem nadificar o Ser, porque assim se constitui a razão da existência da consciência, algo que se confunde com a forma de existir de sua própria realidade.

A *nadificação* é o processo pelo qual a consciência, exercendo o modo de ser que lhe é próprio, toma para si o que é em si, e o anula. Esse princípio intencional modifica a figura do mundo, ordena suas conexões e define o resulto dos atos:

> O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda série e, para finalizar, produza um resultado previsto. Mas ainda não é isso que nos importa. Com efeito, convém observar, antes de tudo, uma ação é princípio *intencional.* (SARTRE, 1998, p. 536).

Até aqui, observamos que o homem é livre. No entanto, a morte, como estamos refletindo, é uma verdade inevitável à existência humana, ou melhor, a liberdade e a morte estão como verdades inevitáveis à condição de humanos, e por isso, devem andar juntas:

> Liberdade e verdade devem andar juntas, porque é na liberdade que se deve buscar a verdade, mas a liberdade não deve suplantar a verdade. A liberdade pode afirmar a verdade ou o falso, mas consiste no dever de consciência, que é inerente a toda a humanidade e na afirmação do verdadeiro, que é da onde encontra o seu fundamento no mistério mais profundo do existir e, sobretudo, do existir humano. (CARVALHO, 2019, p. 164).[22]

Diante disso, se em Montaigne (1996), quando se pensa na morte, ao mesmo tempo penso na minha liberdade, com Sartre observamos que "[...] não sou livre para morrer, mas sou um livre mortal" (SARTRE, 1999, p. 671). Dessa forma, consequentemente:

> Não poderíamos pensar a morte, nem esperá-la, nem nos armarmos contra ela; mas também nossos projetos, enquanto projetos, não devido à nossa cegueira, como diz o cristão, mas por princípio, são independentes dela." (SARTRE, 1999, p. 671).

Destarte, o homem deve usar de sua liberdade para entender a morte como uma possibilidade de acontecimento, acontecimento este que pode vir hoje ou amanhã, mas que

---

[22] Em outras palavras, o homem enquanto ser livre, deve usufruir dessa mesma liberdade na busca da verdade no que diz respeito à existência humana, ou seja, o homem deve usar de sua liberdade para refletir sobre a morte.

incita a viver a vida enquanto projeto, ou seja, a comprometer-se com a vida: "[...] É preciso também considerar nossa vida como constituída não somente de esperas, mas de esperas de esperas que, por sua vez, esperam esperas [...]" (SARTRE, 1999, p. 659).

Em outras palavras, comenta Alves (2019), que, se estou vivo, se sou a manifestação da minha existência, sou livre, e nada irá apossar-se da minha vida:

> [...] assim como podemos nadificar nosso lado de fora pelo posicionamento absoluto e subjetivo de nossa liberdade; enquanto vivo, posso escapar àquilo que sou para o outro revelando a mim mesmo, pelos fins livremente posicionados, que eu nada sou e faço-me ser o que sou; enquanto vivo, posso desmentir o que outro descobre em mim projetando-me de imediato rumo a fins de diferentes e, em qualquer caso, revelando que minha dimensão de ser-para-mim é incomensurável com minha dimensão de ser-Para-outro. Assim, escapo sem cessar de meu lado de fora e sou sem cessar reprendido por este, sem que, "nesse combate dúbio", a vitória pertença a um ou a outro desses modos de ser. (SARTRE, 1999, p. 666).

Em suma, Sartre, ao afirmar a condenação do ser como um ser livre, ressalta que essa mesma liberdade norteará o homem em sua formação. Ao relacionarmos o pensamento sobre a morte de Michel de Montaigne com o pensamento sobre a liberdade de Jean-Paul Sartre, evidenciamos que o pensar em nossa finitude, em outros termos, o pensar em nossa morte, tem por início a inclinação do homem para tal pensamento, essa inclinação partirá unicamente da liberdade.

Assim sendo, o ser que tem consciência de sua liberdade, e procura a partir dessa mesma liberdade a reflexão sobre a finitude humana, este, tornar-se-á sábio, e por conseguinte, torna sua vida repleta de dignidade e significado.

Portanto, com base no existencialismo materialista de Sartre, vimos que a morte é um acontecimento da vida humana, ou seja, o fenômeno último da vida, mas ainda na vida. A liberdade, da qual somos, segundo Sartre, condenados, nos faz buscar a reflexão acerca de nossa finitude nos propiciando, sobretudo, a possibilidade da ressignificação dos valores que atribuímos à nossa vida.

Somente quando temos consciência de nossa liberdade, saberemos tirar proveito dela, desse modo, devemos fazer de nossa liberdade uma virtude que nos norteará em nossa reflexão acerca de nossa morte, "[...] dão-lhes inteira liberdade, a fim de que a vida lhes seja mais cara, e não cessam de entretê-los acerca da morte que os espera brevemente (MONTAIGNE, 1996, p. 200).

Dessa maneira, observamos que a morte nos acompanha desde o nosso nascimento, e diante disso, ousamos dizer que a morte faz parte de nossa essência. Nos surge então a

seguinte indagação: se estamos, segundo Sartre, condenados à liberdade, podemos dizer que a liberdade também faz parte de nossa essência? Desse modo:

> Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu na liberdade. Assim, condição exigida para nadificação do nada, a liberdade não é uma *propriedade* que pertença entre outras coisas à essência do homem [...] A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos de liberdade não pode se diferenciar do *ser* da "realidade humana". O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o ser do homem e seu "*ser-livre*" [...] precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita que condiciona sua aparição (SARTRE, 1997, p. 68).

Por último, o sábio que reconhece sua liberdade e usufrui dela, saberá direcioná-la ao pensamento acerca da finitude, em outros termos, saberá usar de sua liberdade para se pensar na morte. Este, usufruirá de igual modo, de uma vida feliz e repleta de sentido.

3.2 O homem angustiado diante da morte

Observamos que a liberdade, da qual somos, segundo Sartre, condenados, nos possibilita uma melhor reflexão acerca do fenômeno da morte. No entanto, essa mesma liberdade, traz consigo a ação da escolha, digo, dentre todas as possibilidades que nos são atribuídas, podemos escolher refletir sobre tal assunto ou não; consequentemente, a escolha traz consigo a responsabilidade, e esta por sua vez, traz consigo a angústia.

O simples fato do homem escolher uma coisa ao invés de outra, o mergulha no sentimento de angústia. Caminha (2015) reflete essa questão observando que o homem se angustia porque não é capaz de alterar as condições de existência que se lhe apresentam, ou seja, tendo de escolher, por muitas vezes, entre o ruim e o pior e tendo de arcar com as consequências dessa escolha.

O homem não é capaz de não realizar essas escolhas, e assim, tem a inconfortável tarefa de buscar em sua liberdade os princípios que regerão suas escolhas, eis aí o princípio da angústia. É por isso que Sartre afirma que o homem é condenado a ser livre, de igual modo, também o homem é condenado a escolher e essa escolha o deixa refém da angústia:

> É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (SARTRE, 1998, p. 72).

Dessa forma, o homem é livre, ele é pura liberdade. O fato dele ser livre, o torna um ser angustiado, a angústia do "em-si" "para-si". A angústia faz do homem um "refém" do seu angustiante ato de escolher; pois escolhendo, o homem está lançado à vida, ele é responsável por tudo o que faz do projeto fundamental, isto é, de sua existência.

O fato do ser humano ser a sua própria angústia, sem dela poder fugir, torna a sua condenação ontológica sua própria liberdade. "A consequência essencial das observações anteriores é de que o homem está condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser". (SARTRE, 1998, p. 678)

Tudo isso só confirma o fato de que a angústia está ligada à liberdade, pois, cada vez que se tem que escolher, o homem se sente angustiado. Dessa maneira, a angústia não é um quietismo, nem nunca uma inércia. A angústia interage, é dinâmica e como diz o próprio Sartre:

> Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação. (SARTRE, 1973, p. 14).

Concluímos aqui, à luz do pensamento de Sartre, que, quando nos dispomos a usufruir de nossa liberdade, e a partir dessa mesma liberdade fazemos escolhas, tomamos parte de tudo aquilo ao qual renunciamos:

> Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. (SARTRE, 1998, p.681).

Ao trazermos para o contexto da morte, perguntas como: O que é a morte? A morte é o fim? Como e quando pensar na morte? Podem trazer ao ser pensante o sentimento de angústia. Essa angústia, pode ser evidenciada por outros sentimentos, como por exemplo: pelo medo. O medo da morte sempre esteve presente no horizonte dos questionamentos acerca vida humana.

Segundo Vigiano (2011), o simples pensar sobre a morte é evitado por boa parte da nossa população. Podemos dizer que um dos fatores principais que leva as pessoas a evitar tal pensamento, seja os sentimentos de medo e de angústia. No entanto, como sabemos, a morte

virá, e que, como aqui refletimos, podemos nos livrar de tais sentimentos ruins que a antecedem, a partir de uma reflexão prévia sobre tal fenômeno, como aqui o fazemos.

Não obstante, por conta de nossa condenação à liberdade, somos, segundo Sartre (1999), condicionados a sermos seres angustiados. Essa angústia, chega a nós pelo mal uso da condição de livres que dispomos. No entanto, como ora refletimos, o pensar em nossa condição mortal pode nos colocar de frente com essa mesma angústia, pois, reconhecemos que somos seres finitos; por outro lado, quando usamos dessa mesma liberdade para refletir sobre o fenômeno da morte e ressignificar os valores da vida, nos livramos da angústia e demais sentimentos negativos que o pensar na morte pode nos trazer.

Ressaltamos, que o pensamento acerca do fenômeno da morte que estamos refletindo se traduz numa perspectiva positiva, uma vez que estamos falando de morte e vida feliz. Se estivéssemos falando da morte numa visão tão somente negativa, estaríamos fazendo o trabalho inverso do que aqui nos propomos.

Dessa forma, o que aqui propomos, se traduz numa visão feliz sobre a morte, e não como um fenômeno pessimista, uma negação da vida, ou como diz Sartre (1999), um absurdo. Os maus sentimentos que podem acompanha-la por conta de uma não reflexão prévia, podem ser evitados se o fizermos como nos ensina Montaigne: ver a morte como uma irmã de nossa existência, uma companheira que está conosco a todos os momentos, uma aliada, uma parte do nosso ciclo vital. Concebendo o fenômeno da morte por esse prisma, consequentemente, a angústia, o medo, e os demais sentimentos decorrentes da angústia, não serão empecilhos para uma vida feliz.

Como outrora observamos, somos, segundo Sartre, condenados a ser livres. Ao adentrarmos nessa reflexão, podemos observar que essa mesma liberdade nos condiciona ao ato da escolha, e o ato da escolha, consequentemente, ao sentimento da angústia. Desse modo, ao relacionarmos como o pensamento de Michel de Montaigne acerca da morte, observamos que existe um elo entre o pensar na liberdade e o pensar na morte.

Assim, a concepção de liberdade refletida por Sartre, contribui para uma melhor elaboração da concepção de morte em Montaigne, e de igual modo, a concepção de liberdade em Sartre, ganha novo significado a partir da contribuição do pensamento de Montaigne acerca da morte.

Dessa forma, chegamos a uma interessante relação: em Montaigne, o pensar a morte nos possibilita viver melhor, uma vez que tendo consciência de nossa finitude, saberemos dar novo sentido à nossa vida; por outro lado, em Sartre, a visão da morte é pessimista, entretanto, o que interliga tais pensamentos tão distintos é o fato de que, em Sartre, o homem é

condenado a ser livre e em Montaigne, a liberdade é fundamental para se pensar na morte. A liberdade os une.

Onde está essa ligação? Observemos: se a liberdade da qual estamos condicionados, for direcionada à reflexão de nossa finitude, o conceito de morte, que em Sartre é pessimista, tornar-se-ia benéfico para uma ressignificação da vida, tornando-a melhor e feliz.

Essa relação ainda nos traz grandes reflexões: se a liberdade em Sartre vem acompanhada da responsabilidade da escolha e de igual modo da angústia, em Montaigne, a reflexão da morte como um fenômeno positivo nos livra de toda essa angústia e demais sentimentos. Isto é, a liberdade da qual Montaigne se utiliza para fazer da morte uma irmã de sua existência, e que não o deixa refém do sentimento da angústia, poderá ser a mesma liberdade que em Sartre é refletida, contudo, essa liberdade da qual reflete Sartre, necessita de uma ressignificação; melhor dizendo, deve-se haver nela um sentido, dando a ela sentido, poderemos assim direcioná-la ao pensamento da morte e, consequentemente, à superação da angústia e demais sentimentos maléficos.

Concluímos essa etapa de nosso estudo com a reflexão de que, se em Sartre, o homem livre, faz uso da liberdade para não pensar na morte, porque torna-se angustiado por conta dos maus sentimentos que o pensar na morte podem trazer; por outro lado, em Montaigne, a simples reflexão sobre a nossa condição de mortais livra o homem da angústia, e consequentemente, dos maus sentimentos trazidos pela morte.

O pensamento de Montaigne dá novo entendimento à perspectiva de liberdade e de angústia de Sartre, e o pensamento de Sartre abre novas perspectivas na reflexão sobre a morte em Michel de Montaigne. Portanto, apesar de distintas, ambas concepções podem ajudar a refletir sobre o sentido da vida e o suicídio nos dias atuais a partir de uma ressignificação da condição de liberdade do homem, bem como da superação da angústia e do medo da morte.

4 O SUICÍDIO SEGUNDO MONTAIGNE COMO ABORDAGEM DA MORTE NA SOCIEDADE ATUAL

Para assegurar o fio condutor de nossa reflexão, a abordagem: "a morte como consequência do viver bem" segundo o pensamento de Michel de Montaigne, partiu da reflexão de que a morte está relacionado com o viver em plena liberdade cujos sentimentos decorrentes dessa experiência de vida nos afasta de qualquer angústia deprimente. Depois, seguimos para a reflexão acerca da liberdade e da angústia diante da morte a partir de Jean-Paul Sartre, o que levou a perceber, segundo esse autor, os sentimentos de desencanto diante da vida e da morte. Depois desse percurso, nessa parte do trabalho, a abordagem da morte diante da liberdade e da angústia do homem sustenta uma reflexão sobre o relevante problema do suicídio, superando assim diversos tabus e medos de encarar esse complexo problema enfrentado por todos no dia a dia da sociedade contemporânea e pouco discutido. Todos os anos, um número significativo de pessoas de diferentes idades e classes sociais cometem suicídio.

Com base nas considerações dos capítulos anteriores, podemos levantar as seguintes questões: se a morte faz parte do ciclo de nossa existência, pensar no suicídio é o mesmo que se pensar na morte? O suicídio seria uma quebra desse ciclo? Se somos seres livres, o suicídio seria uma boa alternativa para encarar a morte? Se tenho a capacidade de escolha, eu posso escolher viver ou morrer? Essa pequena parcela de questionamentos nos norteia a chegar, à luz da filosofia, a um possível entendimento desse fenômeno que está muito presente em nossos dias.[23]

Cada suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros e tem efeitos duradouros sobre as pessoas deixadas para trás. O suicídio ocorre durante todo o curso de vida e foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo no ano de 2016.

Passemos brevemente para alguns dados relacionados ao suicídio nos últimos anos: segundo a OPAS - Brasil[24], a cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida (esse

---

[23]Como podemos definir o suicídio? Para essa questão, encontramos respostas amplas e na maioria das vezes, redundantes. No entanto, podemos dizer que o suicídio é uma ação de autodestruição, ou seja, a realização do desejo de morrer ou de dar fim à própria vida. Sem dúvidas, uma ação ou escolha que traz grandes danos familiares e sociais. Pessoas de diferentes idades e classes sociais cometem suicídio todos os anos.

[24] Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) trabalha com os países das Américas para melhorar a saúde e a qualidade de vida de suas populações. Fundada em 1902, é a organização internacional de saúde pública mais antiga do mundo. Atua como escritório regional da Organização Mundial da Saúde (OMS) para as Américas e é a agência especializada em saúde do sistema interamericano.

número ainda chega a ser maior no que diz respeito a pessoas que tentaram o suicídio sem sucesso).

O suicídio não ocorre apenas em países de alta renda, sendo um fenômeno preocupante em todas as regiões do mundo. De fato, 79% dos suicídios ocorreram em países de baixa e média renda em 2016. Em todo o mundo, a disponibilidade e a qualidade dos dados sobre suicídio e tentativas de suicídio são baixas. Apenas 60 Estados membros da OPAS possuem registros vitais de boa qualidade que podem ser usados diretamente para estimar taxas de suicídio. A melhoria na vigilância e monitoramento do suicídio e das tentativas de suicídio é bastante necessária para efetivas estratégias de prevenção.

A OMS[25] reconhece o suicídio como uma prioridade de saúde pública. O primeiro relatório sobre suicídio no mundo da OMS "Prevenção do suicídio: um imperativo global", publicado em 2014, tem como objetivo conscientizar sobre a importância do suicídio e das tentativas de suicídio para a saúde pública e fazer da prevenção uma alta prioridade na agenda global de saúde pública. O documento também incentiva e apoia os países a desenvolverem ou reforçarem estratégias de prevenção ao suicídio em uma abordagem de saúde pública multisetorial.

O suicídio é uma das condições prioritárias do *"Mental Health Gap Action Programme (mhGAP)"*[26] (programa de saúde mental da OMS), que fornece aos países orientação técnica baseada em evidências para ampliar a prestação de serviços e cuidados para transtornos mentais e de uso de substâncias. No Plano de Ação de Saúde Mental para os anos 2013-2020, os Estados-Membros da OMS se comprometeram a trabalhar o objetivo global de reduzir as taxas de suicídios dos países em 10% até 2020.

Tais estatísticas em relação ao suicídio variam conforme as localizações geográficas, sexo e faixas etárias. Em consonância com outros países, as taxas de suicídio no Brasil têm

---

[25] A OMS (Organização Mundial da Saúde) ou WHO (World Health Organization), é um agência especializada das Nações Unidas, destinada às questões relativas a saúde. Foi fundada em 7 de abril de 1948. Tem como objetivo garantir o grau mais alto de Saúde para todos os seres humanos. A OMS tem um entendimento de Saúde como um estado completo de bem-estar psicológico, físico, mental e social.

[26] A primeira versão deste Manual (lançada em 2010) foi utilizada por mais de 80 países e traduzida em mais de 20 idiomas. A atual versão (lançada em 2016) traz 23 novas recomendações que constituem um conjunto de ferramentas para o generalista lidar com situações diversas. As novas recomendações são abrangentes, envolvendo desde intervenções no estado nutricional dos pacientes diagnosticados com demência, até o treinamento dos cuidadores para o manejo de crianças e adolescentes com transtornos globais do desenvolvimento. Trata-se de um guia de orientações baseadas em evidências, composto de algoritmos, diagramas e fluxogramas que permitem ao profissional não especialista o diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais considerados prioritários (com base nos critérios de mortalidade, morbidade e incapacidade).

aumentado, passando de 4,4% a cada 100.000 habitantes no ano de 1980 para 5,8% no ano de 2006.

Nesse período de tempo, registraram-se quatro óbitos masculinos para cada óbito feminino por suicídio, ou seja, os homens normalmente se matam mais, embora as mulheres tentem mais vezes. No Brasil, as variações regionais são expressivas, e em algumas localidades, como o interior do Rio Grande do Sul, os índices se assemelham aos dos países do Leste Europeu.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 32 pessoas se suicidam por dia no Brasil, o que significa que o suicídio mata mais brasileiros do que doenças como a AIDS e o câncer. As situações que levam a esse fim podem surgir de quadros de depressão, bem como do consumo de drogas dentre outros fatores. O assunto é envolto em tabus e em desconhecimento, ou, talvez, "na verdade existem muitos preconceitos, medos, falta de informações seguras e sadias sobre o problema" (MORAES, 2019, p.168) do suicídio.

Acredita-se que falar sobre assunto é uma forma de entender quem passa por situações que levem a ideias suicidas, podendo ser ajudadas a partir do momento em que as mesmas são identificadas, por outro lado, é um chamamento à responsabilidade política diante desse grave problema de saúde pública e um reclame em prol da defesa e promoção da vida e da dignidade humana.

Voltemos então para nossa reflexão. Segundo Angerami (1997), quando o indivíduo busca o suicídio como alternativa para os devaneios e sofrimentos existenciais, esse alguém padece emocionalmente em níveis sequer suportáveis. O desejo suicida se manifesta em um momento quando a pessoa não vê mais motivos de existir, o que acontece por diversas causas, não vê mais motivos para existir porque não possui mais perspectiva de futuro, ou não vê um futuro agradável.

Vaz (2012), ao comentar essa passagem, diz que o argumento de liberdade que foi citado, refere-se não tanto à liberdade num plano ontológico (em relação à natureza ou a todo o universo), mas sim em relação às obrigações morais de retribuição com a própria vida, o que, como já visto, não assegura caráter moral nem providencial a tão grande decisão, apenas anula o argumento de pertença.

> "Quererás impedir-nos de morrer?" Eis porque se diz que o sábio vive quanto deve e não quanto o poderia, e o que de melhor recebemos da natureza e que nos tira todo o direito de queixa, foi a possibilidade de desaparecermos quando bem quisermos. (MONTAIGNE, 1996, p. 304).

Ainda refletindo com Vaz (2012), é de suma importância conferir se o argumento de liberdade abre espaço para uma eventual aceitabilidade jurídica da decisão individual de se matar, o que parece ser estabelecido por Montaigne ao observar que, assim como não é furto pegar meus próprios pertences e nem crime cortar minha própria bolsa, também não se configura assassinato me matar. Ressaltamos aqui, que Montaigne não aprova moralmente o suicídio, mas tão somente, defende que um ato que não fere outras pessoas seja configurado crime.

Assim como pensar na morte, o pensar no suicídio traz um certo desconforto ao homem, pois esse pensamento, expõe ao homem seus limites e fraquezas, por isso, muitas vezes, tal pensamento é evitado. O suicídio deve ser pensado com muita constância, pois, ele está sempre ao nosso redor. "Criou ela (a natureza) um só meio de entrar na vida, mas cem de sair" (MONTAIGNE, 1996, p. 304), ou seja, são inúmeros os meios de se tentar consumar o suicídio, e todos eles, são importantes para nossa reflexão.

> Devemos ficar atentos aos sinais de alerta para o suicídio, pois alguns são visíveis, mas há outros obscuros e imprevisíveis. A complexidade do efenômeno é tão ampla que foge à nossa capacidade compreendê-lo totalmente e plenamente, todavia, não podemos deixar de refletir a respeito e buscar formas de prevenção, combate e superação. (MORAES, 2019, p. 172).

Montaigne (1996) no livro I de seus *Ensaios,* ao falar sobre a morte, diz que a maior parte das antigas opiniões se baseia na ideia de que é hora de morrer quando há mais mal que bem em viver, e, conservar nossa vida para nosso tormento e infortúnio é quebrar as próprias leis da natureza. Desse modo, alguns autores encaram o suicidio como alternativa diante de uma vida marcada pelo desencanto diante da realidade em que vive.

4.1 O suicídio como precipitação da morte e fuga da realidade

Podemos nos deparar com muitos conceitos sobre o suicídio. Moraes (2019), comenta alguns conceitos como sendo falso: o primeiro é afirmar que pessoas que comentam sobre um eventual suicídio nunca o fazem, uma vez que, de acordo com dados da OMS, oito entre dez pessoas que cogitam o suicídio o consumam; o segundo é afirmar que o suicídio ocorre sem aviso prévio do indivíduo, uma vez que vários sinais sugestivos podem ser identificados; em terceiro é afirmar que o objetivo principal do suicida é a morte, uma vez que muitos suicidas, na maioria das vezes, costumam ter grandes dúvidas sobre a vida e a morte; o quarto é afirmar

que o suicida que tenta uma vez, sempre tentará novamente, uma vez que muitos destes, aprendem com essa reflexão o sentido primordial da vida.

Um quinto conceito de suicídio, segundo Moraes (2019) é afirma que o suicídio é característico somente de uma classe socioeconômica, uma vez que todas as classes estão propensas ao suicídio, no entanto, somente os "famosos" são noticiados pelas mídias. O sexto afirma que o suicídio tem caráter hereditário ou meramente um problema de família (uma vez que o suicídio é um fenômeno puramente individual). Um sétimo, afirma que o suicídio é ocasionado somente em doentes mentais, uma vez que pessoas saudáveis psicologicamente falando, também o cometem. E por último, afirma que somente pessoas deprimidas cometem suicídio uma vez que muitos comediantes e pessoas com grande senso de humor também o cometem (MORAES, 2019, p. 172).

Montaigne assegura que o compromisso de cada indivíduo com a vida pessoal está além de seus problemas particulares, se de um lado a vida é um dom divino para a sua glória, por outro lado essa vida é destinada a servir aos outros. A tristeza, a dor, o ódio e nem mesmo as leis humanas têm o direito de precipitar a vida para morte:

> Mas, quantas objeções a isso! Alguns consideram que não podemos abandonar este mundo em que estamos aquartelados, sem ordem expressa de quem nele nos colocou; e a Deus, que para cá nos enviou não apenas para nosso prazer mas para sua glória e serviço de nossos semelhantes, cabe despedir-nos quando Lhe agradar e não quando nós o desejarmos. Não nascemos apenas para nós, mas também para a nossa terra. As leis, em seu próprio interesse, exigem que prestemos contas de nós e podem punir-nos como homicidas; por outro lado, no outro mundo seremos castigados por deserção: "além, matêm-se acabrunhados de tristeza os que, embora não hajam cometido crime nenhum, se deram a morte por ódio à luz e para rejeitar o fardo da vida (MONTAIGNE, 1996, p. 305-306).

Na filosofia de Montaigne, devemos nos atentar bem quando este se refere ao suicídio, pois, a nossa falta de atenção poderá nos levar a possíveis incompreensões. No capítulo III do livro II de seus *Ensaios,* encontramos um dos mais célebres textos filosóficos acerca da morte voluntária[27]. De acordo com Vaz (2012), muitos comentadores qualificam o posicionamento de Montaigne como sendo o mesmo de Sêneca [28] e de alguns dos filósofos antigos, em outros termos, que ambos defendem a moralidade do ato de se matar.

---

[27] Termo comumente utilizado por Montaigne ao se referir ao suicídio.

[28] Lúcio Aneu Séneca (4 a.C. — Roma, 65) foi um filósofo estoico e um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano. Conhecido também como Séneca (ou Sêneca), o Moço, o Filósofo, ou ainda, o Jovem, sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoico durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista.

> A morte voluntária é a mais bela. Nossa vida depende da vontade de outrem, nossa morte da nossa. Em nenhuma coisa, mais do que nesta, temos liberdade para agir. A reputação não atinge tal empresa, é tolice pois qualquer respeito. Viver é ser escravo, sem a liberdade de morrer. (MONTAIGNE, 1996, p. 305).

Muitos outros estudiosos, observam nesse ensaio uma espécie de oscilação acerca do pensamento do autor francês sobre o tema do suicídio. Em nosso trabalho, procuramos apresentar argumentos que identifiquem que a opinião final de Montaigne, é, sem sombra de dúvidas, totalmente contrária à prática do suicídio.

Segundo Moraes (2019), todos nós devemos nos sentir responsáveis por extirpar esse mal que assola muitas pessoas em nossa sociedade, independentemente de religião, classe social, etnia, profissão etc. Devemos, pois, ser colaboradores na prevenção e cuidado para com as pessoas que já tentaram o suicídio, principalmente, o cuidado para com aquelas que apresentam possíveis sinais que denunciem a possível consumação desse ato. Ainda com Moraes (2019), nos questionamos:

> Não está na hora de romper o tabu e falar sobre esse fenômeno tão presente em nosso meio? Por que as pessoas tiram a própria vida? Quais são as causas? Podemos compreender a complexidade de tal fato? Como ajudar e promover a prevenção para que o suicídio seja extirpado da nossa sociedade? (MORAES, 2019, p. 168).

Nos *Ensaios* de Michel de Montaigne, além do ensaio *"A Propósito de um Costume da Ilha de Ceos"*[29], podemos encontrar tantos outros capítulos que tratam sobre a temática do suicídio; tais como: *"Sobre fugir das volúpias ao preço da vida", "Do jovem Catão", "Da idade" e "Sobre três boas mulheres"*.

O ambiente cultural de onde e para onde escreve Montaigne é bastante importante para nossa compreensão. Reina o cristianismo, e acompanhado com ele, a irrestrita negação do suicídio. Agostinho[30] foi grande expoente dessa linha de pensamento, tal pensamento é abordado em sua obra *Cidade de Deus*. Sobre o suicídio, Agostinho reflete sobre o que podemos chamar de "argumento de pertença", esta que se divide em: pertença transcendental e social.

---

[29] Capítulo onde Montaigne se detém à reflexão aprofundada sobre o suicídio.

[30] Agostinho em sua obra *Cidade de Deus* reflete sobre o suicídio partindo do "argumento de pertença". Ele divide a pertença em: pertença transcendental e social. A pertença transcendental assegura que somos propriedades de Deus, pois ele nos deu a vida, e somente ele poderá tirá-la. Por outro lado, o argumento de pertença social consiste na afirmação de que não vivemos apenas para nós mesmos, mas, também e sobretudo, para os outros. Ambos sempre defendem a valorização da vida.

A pertença transcendental diz que somos propriedades de Deus, pois ele nos deu a vida, e somente ele poderá tirá-la. Por outro lado, o argumento de pertença social consiste na afirmação de que não vivemos apenas para nós mesmos, mas, também e sobretudo, para os outros. Ambos sempre defendem a valorização da vida.

Segundo Vaz (2012), o fato de dizer que a escolha pela vida ou pela morte pertença ao próprio indivíduo, isso não implica que este deva escolher a morte, ou seja, não deixa suposto ou pressuposto que o suicídio seja a melhor escolha a se fazer.

Goes (2004) ao citar a mesma obra de Agostinho, reflete que o suicida busca o suicídio por ser uma alternativa mais fácil do que procurar a solução de seu problema, ou seja, uma tentativa de fugir da realidade. Como já observamos, Agostinho sofre grande influência do pensamento cristão. O mesmo autor, embasado em Agostinho, reflete que o suicida ao buscar a consumação de tal ato, tem por argumento o fato de que a escolha pela vida ou pela morte pertença ao próprio indivíduo e, por ser uma alternativa em que ele tem o controle sobre si, busca fugir de sua realidade, optando assim pelo suicídio.

Montaigne assegura que escolher viver ou morrer bem, não implica em escolher o suicídio como a melhor opção, isso é, se colocar avesso à luz mas admite que enfrentar os perigos e as dificuldades é a melhor alternativa para vencer o medo de morrer. Ao mesmo tempo em que há muita discussão sobre o tema e que são organizadas caminhadas e tantas outras manifestações em prol da vida, alguns monumentos em grandes cidades são decorados com a cor amarela. Assim, já foram iluminados de amarelo o Cristo Redentor, o Congresso Nacional, a Catedral e o Paço Municipal de Fortaleza, entre outros.[31]

> O homem corajoso é o que enfrenta o perigo se preciso e o evita se possível. O homem temeroso da morte desgosta-se da vida, fica com horror à luz, mata-se a si próprio esquecido de que a fonte dos males é o medo de morrer. Nenhum dos males da vida justifica que nos suicidemos para o evitar. Ademais, as coisas humanas estão sujeitas a tais reviravoltas, que se faz difícil julgar em que momento nos cumpre renunciar a qualquer esperança (MONTAIGNE, 1996, p. 30-307).

[31] Durante a escrita desse trabalho, oportunamente estamos no mês de setembro, mês este que é dedicado à prevenção do suicídio. Trata-se de uma campanha chamada "Setembro Amarelo", que teve início no Brasil em 2015, e que visa conscientizar as pessoas sobre o suicídio, bem como evitar o seu acontecimento. É nesse mês que no dia 10 se comemora o dia mundial de prevenção do suicídio. O Setembro Amarelo começou nos EUA, quando o jovem Mike Emme, de 17 anos, cometeu suicídio, em 1994. Esse é um projeto que fornece apoio emocional e prevenção do suicídio. Através de telefone, e-mail e chat 24 horas todos os dias da semana, eles atendem de forma voluntária e gratuita todos que precisam conversar. O serviço é totalmente sigiloso.

O assunto é envolto em tabus, por isso, a organização da campanha acredita que falar sobre o mesmo é uma forma de entender quem passa por situações que levem a ideias suicidas, podendo ser ajudadas a partir do momento em que as mesmas são identificadas. As situações que levam a esse fim podem surgir de quadros de depressão, bem como do consumo de drogas dentre outros fatores.

É por isso que o "Falar é a melhor solução" é o slogan da campanha, cujos envolvidos na sua organização acreditam que conscientizando as pessoas podem prevenir 9 em cada 10 situações de atos suicidas. Esse é um projeto que fornece apoio emocional e prevenção do suicídio.

O suicidio como fuga da realidade é apresentado por Montaigne, sobretudo na obra *"A Propósito de um Costume da Ilha de Ceos"*, ao discordar do pensamento de Plínio, Sêneca e de outros pensadores ao apontar a morte como alternativa diante de uma dolorosa enfermidade, das disfunções do espírito ou quando se julga conveniente.

> Plínio disse que há três espécies de doenças em virtude das quais temos o direito de nos matar para as evitar, e cita como a mais dolorosa de todas a pedra quando obstrui a bexiga e ocasiona retenções de urina. Sêneca só admite as que comprometem durante muito tempo as funções do espírito. Outros são de parecer que para abreviar uma morte dolorosa, podemos matar-nos quando o julgamos conveniente (MONTAIGNE, 1996, p. 308)

Para Montaigne, a legalização do suicídio por parte de governos é uma fuga da realidade diante do compromisso e da responsabilidade social com o bem viver, com a justiça social, com a dignidade humana e com o bem comum. No pensamento de Montaigne, o suicídio se configura como uma precipitação diante da morte como fuga da realidade, própria da existência humana, onde a vida foi bem vivida e aproveitada.

> Houve governos que estabeleceram os casos em que a morte voluntária era justificável e oportuna. Em nosso país mesmo, em Marselha, conservava-se outrora à custa do tesouro e sempre à disposição do público um pouco de cicuta para os que quisessem abreviar seu fim. Era necessário para antes o conselho dos seiscentos, que representavam o senado, aprovassem as razões do suicida. Não era permitido matar-se sem autorização do magistrado ou sem motivos legais. Esta lei também existiu alhures (MONTAIGNE, 1996, p. 313).

Com base no que já observamos até aqui, concluímos à luz do pensamento de Montaigne, que o suicídio se configura como uma precipitação da morte, uma vez que esta é

concebida pelo autor francês como a conclusão de um ciclo natural da existência humana onde a vida foi bem vivida e aproveitada.

Em suma, o fenômeno do suicídio na perspectiva de nosso pensador, é, sem sombras de dúvidas, uma precipitação do ato natural de morrer e, de igual modo, uma espécie de fuga da realidade e das possíveis dores da vida. Para Montaigne, a morte faz parte de um viver bem, repletos de atos livres que dão razões e forças para superar as angústias e as adversidade, e para garantir a dignidade da vida humana. Como observamos, Montaigne deixa explícito sua negação ao ato suicida.

4.2 O suicídio diante da morte, da liberdade e do viver bem

Chegando a última etapa de nossa pesquisa, podemos nos perguntar: como relacionar o suicídio (este como abordagem da morte), com a liberdade? E ainda: o que este tem de relação com o viver bem? Essas são pequenas indagações que norteiam essa reflexão última de nosso trabalho.

O pensar no suicídio, é algo que faz parte da natureza do ser humano, uma vez que este é estimulado pela possibilidade de escolha[32]. O impulso a tal ato também é natural, no entanto, pessoas emocionalmente fragilizadas e com sentimentos exaustivos ao ato de viver, tentem a estar mais propensos às possibilidades do suicídio.

Quanto à sua relação com a liberdade, Vaz (2012), nos apresenta a afirmação da liberdade de escolha do ato de morrer e ainda, a escolha do "até quando viver". Este é precisamente o principal argumento defendido por Sêneca e pelos demais pensadores que defendem o suicídio.

Em seus *Ensaios,* Montaigne não deixa subentendido suas ideias sobre o suicídio, ou até incompletas, como defendem muitos comentadores, mas, pelo contrário: Montaigne já na primeira edição de sua obra, deixa explícito sua condenação às motivações que levam ao suicídio, tais como: a esperança de uma outra vida após o ato, a mera curiosidade, a busca de uma morte rápida para evitar uma morte dolorosa, e sobretudo, a covardia. "É sinal de covardia e não de virtude, ir achar-se em um buraco sob o túmulo maciço, a fim de escapar aos golpes do destino" (MONTAIGNE, 1996, p.306).

No entanto, Montaigne, com esses exemplos que ora citamos, generaliza que nenhum sofrimento ou causas dos possíveis sofrimentos são suficientes para justificar um ato suicida, ou seja, as "coisas" meramente humanas, são sempre propícias a eventuais mudanças, desse

[32] Possibilidade esta, como refletimos no capítulo segundo.

modo, o que ora sofremos, um momento ou outro, mais cedo ou mais tarde, tende a se modificar.

Vaz (2012), observa que o suicídio para Montaigne não constitui uma solução razoável ante uma situação de sofrimento, pois a alma, estreitamente interligada ao corpo, não está em condições de deliberar sobre tal ato. Desse modo, apontar um momento da vida, uma situação de sofrimento ou coisa do gênero, como digno de suicídio, é julgar não apenas esse ponto como tal, mas também uma espécie de "linha do tempo" que vai desde esse tal ato à possível morte.

> Consideram os estóicos que o sábio obra de acordo com a natureza quando abandona a vida, ainda que se sinta feliz, desde que a deixe no momento oportuno; e é próprio do louco aferrar-se à existência quando ela é insuportável (MONTAIGNE, 1996, p. 305).

Assim sendo, segundo nosso autor, para que cheguemos a negação absoluta do suicídio, cabe a nós, o simples reconhecimento da ignorância humana quanto aos eventos futuros. Isto significa que, a partir do momento que reconhecemos que não somos "senhores" de nossas ações ou das ações dos outros, e de igual modo, quando reconhecemos que não temos "poder" para alterar as coisas ao nosso redor, logo, chegamos à negação do ato suicida como negação da vida e precipitação da morte.

Devemos, no entanto, nos atentar a alguns posicionamentos de Montaigne quanto ao suicídio. Em seus *Ensaios* o autor comenta que uma dor insuportável e uma morte pior, parecem ser desculpáveis quanto ato suicida, no entanto, ao fazer tal comentário, o autor francês, não está afirmando que dores insuportáveis justifique ou até aprove o suicídio, uma vez que para ele, dores realmente insuportáveis são inexistentes.

Outro comentário de Montaigne sobre o suicídio do qual nos pede bastante atenção é o que podemos chamar de "descriminalização do suicídio", em outros termos:

> Assim como não violo as leis contra os ladrões quando carrego meus haveres e tomo minha bolsa a mim mesmo; nem as leis contra os incendiários quando queimo a minha lenha; não desobedeço tampouco, às que punem o assassínio quando me tiro a vida (MONTAIGNE, 1996, p. 305).

Montaigne, com tal afirmação nos que dizer que, do mesmo modo que não é classificado como roupo nos tirar nossos próprios bens, da mesma forma não se caracteriza

em assassinato o ato de nos matar. Ressaltamos que Montaigne não defenda, apoia e incentive o suicídio, mas tão somente, defende que um ato que não fere outras pessoas seja tido como um crime. Temos aqui uma espécie de defesa da moralidade do ato suicida e não do ato suicida em si.

Em suma, o suicídio relacionado com a liberdade pode ser entendido aqui como uma possibilidade de escolha do indivíduo, escolha essa, ressaltamos, que não é defendida por nosso pensador. De igual modo, "em verdade não é assim tão difícil resolver matar-se quando a gente goza saúde e nada tem a temer; é fácil mostrar-se valente antes do momento fatal" (MONTAIGNE, 1996, p. 505).

Por outro lado, o suicídio colocado em relação à morte na perspectiva de Montaigne, é tido como uma fuga, uma ação que é, incondicionalmente, negada por nosso pensador:

> Ninguém pode assegurar que estava resolvido a morrer, se evita encarar a morte e não a pode ver chegar de olhos abertos. Os condenados que lhe correm ao encontro, a fim de apressá-la, não o fazem por espírito de resolução, mas porque desejam abreviar o tempo em que deverão contemplá-la. Morrer não os aterroriza, o que teme é a passagem da vida à morte: "não quero morrer, mas é-me diferente estar morto". A esse grau de resolução já verifiquei que posso chegar, como quem, de olhos fechados, atira-se ao perigo ou ao mar" (MONTAIGNE, 1996, p. 507).

Da mesma forma, o suicídio relacionado com o viver bem segundo Montaigne, é tido como uma negação da morte, melhor dizendo, a negação do curso natural da morte, a negação da possibilidade de conviver com a morte, e sobretudo, a negação da possibilidade de "saborear" a morte:

> Com lazer suficiente meditara na morte, e não somente renunciava a ela mas se obstinava e, satisfeito com o início, resolvia bravamente continuar. Provar a morte e saboreá-la é muito mais do que a não recear (MONTAIGNE, 1996, p. 507).

O cuidado, a reflexão e, sobretudo, a prevenção do suicídio é de responsabilidade nossa. Devemos, pois, desenvolver e cultivar a "ética do cuidado e da responsabilidade" (MORAES, 2019, p. 185), com os membros de nossa casa e de nossa sociedade no que diz respeito ao suicídio.

Desse modo, o tema do suicídio, exige de nós uma reflexão que deve perpassar o solo filosófico, uma vez que diversos campos de pesquisas opinam possíveis causas e resoluções

para tal problema, tais como: a filosofia, a antropologia, a psicologia etc. Assim como nosso autor, também nós que redigimos o presente trabalho, oferecemos aos nossos leitores a presente reflexão, para que assim, se atentem à preservação e cuidado para com o suicídio, tanto consigo mesmo, como para com os demais que estão em nosso meio.

Incentivamos, sobretudo, à reflexão sobre a temática da morte, esta, que nos possibilita a ressignificação dos valores que atribuímos à vida, dando-nos possibilidades para vivermos melhor e felizes.

Não obstante, oferecemos essa pequena reflexão sobre o fenômeno da morte, mais precisamente do suicídio, como incentivo para nossos leitores de que, todo e qualquer sofrimento ou situações diversas do cotidiano, estão propensas a mudanças significativas. Damos ênfase, sobretudo, que, mesmo quando nos depararmos com os maiores problemas e infortúnios que a vida pode nos oferecer, nunca será o suicídio um "portal" de soluções para tais problemas.

Somos esperançosos em pesquisas posteriores a esse trabalho, no entanto, concluímos essa etapa inicial com um trecho da reflexão de Dom Leomar Antônio Brustolin[33] que se encontra na obra *"Falar da morte para viver alegre e esperançoso"* do autor piauiense Cristiano Batista de Moraes, publicada em 2019:

> Na prevenção do suicídio, é elementar promover a conscientização de que o suicídio é um problema de saúde pública. É necessário intensificar os recursos para programas de prevenção do suicídio, avaliação e tratamento de transtornos mentais e de abusos de substâncias psicoativas que favorecem a busca de ajuda para esses problemas. Promover a redução do acesso e do consumo de álcool e de drogas é igualmente de suma importância para a diminuição das taxas de suicídio, pois se sabe que é comum seu uso acontecer tanto antes quanto durante a tentativa suicida, o que oportuniza, com a facilidade, que o sujeito efetive o ato. A estrutura, o ambiente e a educação familiar são fundamentais para desenvolver níveis de felicidade que diminuam os instintos autodestrutivo. O ser humano é um ser aberto ao infinito; deseja sempre mais, sente radical necessidade do transcendente. Esse senso espiritual pode ser um dos principais motivos que possibilitam superar situações determinantes de sofrimento, angústia, depressão e desespero. A espiritualidade, portanto, se torna um eficaz recurso no processo de ressignificação de uma vida que perdeu o sentido e tende ao risco suicida. (BRUSTOLIN, 2013, p. 337 *Apud* MORAES, 2019, p. 194).

---

[33] Leomar Antônio Brustolin nasceu aos 15 de agosto de 1967, em Caxias do Sul (RS). Cursou Filosofia na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi ordenado presbítero em 20 de dezembro de 1992. Obteve o mestrado em Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (MG) e concluiu o doutorado em Teologia Sistemática na Pontifícia Università San Tommaso de Roma – Angelicum.

Desse modo, muitos são os recursos que podem ser utilizados para a prevenção do ato suicida. A esse respeito, continua Brustolin:

> Para prevenir, é preciso cuidar. No caso específico do comportamento suicida, é necessário cuidar da dor, recompor uma visão integral da pessoa, que a prepare para enfrentar e administrar situações inevitáveis de sofrimento. Trata-se de reumanizar a dor, dotando-a de um sentido e uma carga evolutiva. Para isso, é necessário libertar-se do mito atual da sociedade de consumo e bem-estar, que consiste na crença de que só vale a pensa viver, se há prazer. A dor possui um poder de purificação. Ela pode mostrar o que realmente tem valor na vida; de forma extremamente eficaz, ela ajuda a discernir o que é secundário e o que é essencial. (BRUSTOLIN, 2013, p. 337 *Apud* MORAES, 2019, p. 194).

Diante das informações supracitadas, é importante destacar que, o ato suicida frente à liberdade e à possibilidade de viver bem, é, segundo Montaigne, como que uma precipitação da morte e uma fuga da realidade. Observamos que o autor francês condena veementemente o ato suicida, pois este, não é equiparado com o fenômeno da morte defendido pelo mesmo.

Dessa forma, o pensamento e preparação para a morte continua sendo defendido por nosso autor como pressuposto de uma vida virtuosa e feliz, ao tempo que ao fenômeno do suicídio não é atribuído igual caracterização.

Ressaltamos que temos a plena convicção de que o tema abordado não se conclui aqui, mas que se perdura e espera por demais reflexões. No entanto, o que até aqui redigimos, esperamos que seja de grande valia para nós, enquanto filósofos, como para toda e qualquer pessoa de senso crítico e aberto para essa reflexão em nossa sociedade. Oferecemos ainda a continuação da reflexão de Brustolin:

> Afinal, o ser humano é verdadeiramente um mistério para si mesmo. Mesmo sendo uma das criaturas mais adaptáveis que existe na Terra, é também a criatura mais inadaptável: pois somente se houver esperança é que poderá viver na alegria. Na contradição entre o hoje e o amanhã, entre a experiência e a espera, defronta-se com várias possibilidades de futuro: desespero, presunção ou esperança. Desespero é a atitude daqueles que negam o futuro porque o identificam com o mal presente. Pensa-se o presente como tédio. Presunção é a recusa do presente. Atitude daqueles que avaliam falsamente a si mesmos e as capacidades do mundo. Identifica-se o presente como o bem que deve vir. Esquece-se a lei do sofrimento e da finidade do ser. Faz-se a idolatria da hora, vive-se o engano da falsa esperança. Esperança é a paixão por aquilo que é possível. É a estrutura originária da existência humana no mundo e a estrutura originante que qualifica a existência diante do futuro e, ao mesmo tempo, subverte a ordem atual. Enfim, apesar de o suicídio ser condenado nos planos geral e teórico, é fundamental abster-se de condenar a pessoa que o comete. Ninguém consegue mensurar objetivamente o

> abandono, a solidão que o suicida viveu. Sua morte é o último ato de uma experiência atribulada que afetou gravemente sua existência. (BRUSTOLIN, 2013, p. 337 apud MORAES, 2019, p. 194).

Por último, o suicídio frente à liberdade, que ora refletimos a partir de Sartre, chega até nós como meio de ressignificação da liberdade da qual possuímos, para que assim, façamos da liberdade o principal meio para que o pensamento acerca do fenômeno da morte seja contínuo durante toda a nossa existência. Assim sendo, o suicídio relacionado com o viver bem, que ora refletimos a partir de Montaigne, será fruto do pensamento anterior, em outras palavras: se faço bom uso da liberdade da qual sou condicionado para pensar sobre o fenômeno da morte, poderei assim dar novo sentido à vida que possuo e o fenômeno do suicídio, como precipitação da morte, será indiferente à minha existência. Logo, se pensamos livremente sobre o fenômeno da morte, viveremos com mais vigor, livres dos sentimentos de angústia, livres dos medos, e sem dúvidas, mais felizes.

CONCLUSÃO

A abordagem filosófica sobre o fenômeno da morte, como observamos no presente trabalho, exige de nós, uma ampla reflexão, uma vez que tal fenômeno perpassa o campo da filosofia e chega a muitos outros campos de pesquisa. Desse modo, a partir das reflexões propostas em nossa pesquisa, muitos foram os resultados que, assim esperamos, possam nos nortear em nosso processo de ressignificação dos valores atribuídos à vida.

Sendo assim, trazemos ao presente texto um pequeno compilado dos resultados que ora tivemos acesso. De imediato, o pensamento sobre a morte deve ser uma ação constante em nosso cotidiano, pois, cultivando em nós tal familiaridade para com a morte, podemos viver melhor, e sobretudo, não recear a sua chegada. Embasados por Montaigne, damos fé que, o pensamento acerca do fenômeno da morte, torna-se fonte e meio para se alcançar a virtude da sabedoria, uma vez que o homem sábio, segundo Montaigne, é aquele que entende a sua finitude e vive com constância todos os dias de sua vida, principalmente, esperando a chegada de sua morte.

Somos livres para pensarmos em toda e qualquer coisa que nos rodea, inclusive, na morte. Dessa forma, ao interligarmos o pensamento montaigniano com as teorias de Sartre somos impulsionados a usarmos da liberdade da qual somos, segundo Sartre, condenados, para pensarmos na morte e no sentido da vida. Fazendo bom uso de tal possibilidade do qual somos condicionados, superamos a angústia, o medo e demais devaneios acerca da chegada da morte.

À luz do que ora falamos, podemos concluir que há um complemento do pensamento de Sartre a partir de Montaigne e vice-versa. Em outros termos: se em Montaigne, o pensar na morte nos livra dos condicionamentos negativos[34] que a morte pode nos trazer, principalmente da angústia e o medo; e em Sartre, a liberdade nos traz a angústia a partir do momento que o homem faz escolhas; concluímos então que faz-se necessário a ressignificação da liberdade e da ação de escolher do homem, direcionando-as assim, à reflexão sobre a finitude humana e, consequentemente, sobre a morte, seguindo tal percurso, chegamos à superação da angústia. Em outras palavras: se direcionamos a condição de liberdade que dispomos à reflexão sobre a morte, tal ação nos livra de todo e qualquer sentimento de angústia que o medo da morte pode nos trazer

Se somos livres para pensarmos na morte, podemos questionarmos se temos tal liberdade para escolhermos quando morrer. À luz do que aqui refletimos, concluímos que não.

[34] Medo, receio, angústia.

O suicídio torna-se uma precipitação ao ato de morrer, uma quebra do ciclo natural da existência humana, e sobretudo, uma fuga da realidade. Não estamos aqui demonizando tal ato ou quem o pratica, mas tão somente, à luz dos pensamentos que nos trouxeram até aqui, manifestarmos nossa negação à tal prática e o incentivo à valorização da vida.

Oferecemos aos nossos leitores o presente trabalho monográfico com o desejo de incentivar, animar, e porque não, advertir a cada leitor sobre a importância de refletir sobre o fenômeno da morte, e sobretudo, a importância de educar as gerações futuras sobre tal tema. O presente estudo, oferece a cada leitor e à nossa sociedade como num todo, a possibilidade de mergulhar no tema da morte, da liberdade, da angústia, do viver bem e do suicídio a partir de reflexões filosóficas e práticas para os nossos dias. Vemos no presente estudo uma grande gama de conteúdo reflexivo sobre o fenômeno da morte do qual tanto necessita nossa sociedade. Nosso desejo final se traduz na esperança de que a presente pesquisa seja uma boa oportunidade para a ressignificação das nossas ações, e sobretudo, do nosso pensamento sobre a morte

Evidentemente, todo e qualquer trabalho científico, principalmente se tratando de pesquisas bibliográficas, trabalham com um certo limite, e com o nosso trabalho foi é diferente. É bem verdade que nesse primeiro momento de nossa pesquisa, não abordamos todos os pontos reflexivos sobre o fenômeno da morte, da liberdade, do viver bem e do suicídio, uma vez que não teríamos possibilidades para tal, no entanto, o presente estudo, a partir dos resultados encontrados, abre caminhos para novas pesquisas.

Somos esperançosos no que diz respeito à continuação desse trabalho, seja ele no campo da filosofia ou em outros campos de pesquisas; seja coordenado por nossa parte seja por parte de outros acadêmicos de nossa instituição ou externos. Contudo, o falar sobre a morte deve andar lado a lado com o falar sobre a vida, assim, cultivando tal posicionamento, conviveremos com pessoas que vivem mais e melhor.

De nossa parte, ao término desse percurso reflexivo, reconhecemos a importância de se trabalhar temas tão incisivos e, ao mesmo tempo, tão escondidos em nossa sociedade, como é a temática da morte e do suicídio; seja esta à luz da filosofia ou de outros campos do saber. Até o momento da presente escrita, estamos vivendo um contexto social[35] onde a temática da morte está sendo muito discutida e sobretudo, refletida. Esperamos assim, com o auxílio de nossa contribuição acerca de tal fenômeno, ajudar nossos leitores, acadêmicos de filosofia, bem como as demais pessoas dos quais terão acesso a esse trabalho monográfico, a

[35] Pandemia causada pelo novo Coronavírus.

possibilidade de se reconhecer a dignidade da morte e sobretudo, a dignidade da vida, esta, em toda e qualquer circunstância.

Esperamos gerar em nossos leitores uma nova cultura de indivíduos que vivam cada instante de suas vidas sem o receio da morte, que vejam na morte a última ação de uma vida bem vivida, e sobretudo, que repasse tal visão sobre a morte para as gerações que hão de vir. Por último, desejamos aos nossos diletos leitores uma feliz vida, e sobretudo, a experiência de uma feliz morte.

REFERÊNCIAS

A FILOSOFIA E O SUICÍDIO. Àgora do pensamento. Disponível em:<agoradopensamento.blogspot.com/a-filosofia-e-o-suicidio>. Acessado em: 15 de abr. de 2020.

A MORTE NA VISÃO DE SEIS FILÓSOFOS. Nova escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/263/a-morte-na-visao-de-seis-filosofos>. Acessado em: 15 de abr. de 2020.

BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. 25. ed. Petrópoles: Vozes, 2012.

CAMINHA, Lucas. *Sartre*. Colunas Tortas. Disponível em: <colunastortas.com.br/jean-paul-sartre>. Acessado em: 15 de abr. de 2020.

CARVALHO, José Anchieta Arrais Pe. *A bioética em diálogo com a biopolítica:* Um confronto entre Michel Foucault e Giorgio Agamben. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2019.

CUNHA, Anderson Santana. *Finitude humana:* a perplexidade do homem diante da morte. Disponível em: httpp://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/fILOGENESE/AndersonSantanaCunha(182-193).pdf>. Acessado em: 25 de ago. de 2020.

ESTUDO TEORÉTICO DA MORTE. Escola Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>. Acessado em: 15 de abr. de 2020.

FEERRATER, Mora J. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MONDIN, Batista. *O homem quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1980.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Coleção Os Pensadores).

MORAES, Cristiano Batista. *Falar da morte para viver alegre e esperançoso*. Teresina: Editora e Gráfica Halley, 2019.

OLIVEIRA, Manoel Messias de. *A morte*: plenificação ou nadificaçao. Poros, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 51-62, 2009. Disponível em: <http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/poros/article/viewPDFInterstitial/88/78>. Acessado em: 27 de ago. 2020.

OPAS BRASIl. *Folha informativa – suicídio*. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>. Acessado em: 15 de set. de 2020.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade:* uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PESSOA, Vera Lúcia; ALVES, José Júnior. *A morte e o nada, o nada e a morte*: uma reflexão sobre a finitude humana em Epicuro e Sartre. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigobd2e399b3d7294eafcffe4c7e99d59fa50e40d97-arquivo.pdf>. Acessado em 25 de ago. de 2020.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. In: Sócrates. Seleção de textos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

PUENTE, Fernando Rey. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RENAUD, Vinícius. *O conceito de "liberdade" em o ser e o nada de Sartre:* um recorte a partir do fazer, do ter e do ser. Sapere Aude, Belo Horizonte, v.4, n.8, p.294-300, 2013.

SANTOS, Anderson dos. *Morte e filosofia:* uma viagem com Michel de Montaigne. Clinicand, 2018. Disponível em:<clinicand.com/morte-e-filosofia-uma-viagen-com-montaigne>. Acessado em: 15 de abr. de 2020.

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *O ser e o nada:* ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópoles: Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHUMACHER, Bernard N. *Confrontos com a morte*. Edições Loyola: São Paulo, 2009.

SETEMBRO AMARELO – mês de prevenção do suicídio. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoes/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/setembro-amarelo-mes-da-prevencao-do-suicidio>. Acessado em: 15 de set. de 2020.

SILVA, Vilas Bôas. *A concepção de liberdade em Sartre.* Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acessado em: 27 de ago. de 2020.

VAZ, Lúcio. *O problema do suicídio em Montaigne*. Kriterion, Belo Horizonte, v.53, n.126, 2012.

VIANA, C. A. *Apostilha para o Curso de Pesquisa Filosófica I.* Marília, São Paulo: Faculdade João Paulo II, 2010.

VIGIANO, César Divino. *Será a morte o fim último do ser humano?*. Disponível em: < https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1998>. Acessado em: 27 de ago. de 2020.

VILAS, Aline Maria. *A concepção de liberdade em Sartre.* Filogenese, Mato Grosso do Sul, v.6, n.1, 2013.

VONERO, Maria Fernanda. *Morte.* Super Interessante, 2002. Disponível em:<super.abril.com.br/comportamento/morte>. Acessado em: 15 de abri. de 2020.